

A. Siqueira

GONÇALVES DIAS E A RAÇA AMERICANA

1 — Um dos aspectos mais notáveis da personalidade do excelso poeta, uma das características da sua formação artística e cultural, é a sua preocupação, como homem, como poeta e como sábio, pelo grande problema humano e nacional do indígena.

Etnógrafo, historiador e cantor da raça americana, a estirpe perseguida, cujo sangue lhe veio às veias no próprio sangue materno, constituiu ao mesmo tempo, para ele, um campo de estudo, uma causa a defender e uma fonte de inspiração. A voz misteriosa do gênio da raça falava-lhe ao coração e ao espírito. Ele merece, verdadeiramente, no campo da ideiação, o nome de sumo representante da raça americana na formação nacional brasileira.

Antes e depois dele, muitos outros espíritos superiores se ocuparam do índio; nenhum, porém, realizou integralmente, como o egrégio cantor d'*Os Timbiras*, a missão complexa, que o singulariza e nêle personifica o espírito da raça.

Devemos observar que a expressão "raça americana" é por nós empregada sem pressupostos antropológicos, sendo embora incontestável, apesar da enorme diversidade dos tipos indígenas e das suas afinidades com as populações da Ásia e da Oceania, a existência de certos caracteres — basta citar a cor e o cabelo — além de condições psíquicas e culturais, que dão aos aborígenes do continente um ar de família (V. Clark Wissler — *The American Indian*).

O POETA

2—*O indianismo* — Um Longfellow, yankee de sangue branco, cantara (à mercê do idealismo romântico, que poetizava a natureza e o selvagem, estreado nas fulgurações das paizagens de Chateaubriand) a rapsódia bárbara, heroico-mística, de Hiawatha; mas esse indianismo artificial do bardo da Nova Inglaterra e do sonhador bretão era muito diverso do que vibrava na alma do vate maranhense, em que a natureza, que com mais irresistível força domina o espírito nos campos e selvas brasileiras (1) do que nas *prairies* e nas florestas frias da Norte América, se reunia o influxo poderoso da hereditariedade, no identificar o poeta com o seu tema (2).

Na literatura brasileira, precedera-o um Basílio da Gama, seguira-o um José de Alencar. E' essa a trindade máxima do nosso indianismo literário. Basílio, no entanto, no seu bellissimo poema, obedecera sobretudo a intuitos políticos, profligando o jesuitismo e dando arras do seu devotamento de protegido ao onipotente ministro. Só podemos ver nele um precursor, pela vigorosa imaginação com que evoca aspectos da natureza e da vida indígena, tal o acampamento nos galhos do arvoredado alagado. A poética, ainda clássica ou de transição para o romantismo. No "Uruguai, o índio não é o tema principal, e sim a questão colonial e política entre o marquês de Pombal e a companhia de Jesus.

Em Gonçalves Dias, nada disto: para o cantor d'"O Gigante de Pedra", nascido com a liberdade da Pátria, o índio aparece como um assunto de si mesmo interessante e belo e mais, com todo o exagero de um entusiasmo piedoso, como o tipo nacional. E essa ideia não era nova. Germinando naturalmente na mentalidade do povo, desabrochava vigorosa, espontânea, nos dias agitados da Independência. Rompendo com a metrópole, e procurando um tipo que de pronto e fisicamente o definisse, o espírito nacional ingênuo e por assim dizer inconsciente, só achava o índio, o homem da terra...

Era o indianismo, então, o braço bárbaro a opôr aos reinóis; o índio era o prototipo do brasileiro; era dono do

(1) Nas "extravagâncias geniais" de Buckle (Euclides da Cunha) a respeito do Brasil, há uma parte de verdade: a luta contra o clima.

(2) V. a palavra Hiawatha, *Handbook of American Indians* (Bureau of Ethnology Bull. 39) C. G. Chinard — L'exotisme américain dans l'oeuvre de Chateaubriand.



- 1 — Arucques
- 2 — Caribos
- 3 — Alcacabuanos
- 4 — Xirianas
- 5 — Bafuanas
- 6 — Indios do R. Negro
- 7 — Is. Uaupés
- 8 — Pirá-tapulos (Içana) — (Christo da Venereta)
- 9 — Indios Miranhas
- 10 — Indios Jaúas (Yaguas)
- 11 — Cocamas
- 12 — Cambenas (Omaguas)
- 13 — Indios do Japurá — 14 — Is. do Purús
- 15 — Parintintins
- 16 — Araras
- 17 — Is. de Silves
- 18 — As pseudo — Amazonas
- 19 — Amicunas — 20 — Oyampis
- 21 — Galibis
- 22 — Tupinambaranas
- 23 — Mundurucús
- 24 — Guajajaras
- 25 — Pupekrans
- 26 — Gamellias
- 27 — Timbiris, Crengós etc.
- 28 — Canellas
- 29 — Tupinambás, Tamoyos
- 30 — Goyanizes
- 31 — Patachós
- 32 — Tobajaras
- 33 — Caethos
- 34 — Tupinés
- 35 — Papanzes
- 36 — Botocudos
- 37 — Gollaczes
- 38 — Goyanizes
- 39 — Carijós
- 40 — Guaranyas
- 41 — Charroas
- 42 — Cariris
- 43 — Tobas
- 44 — Chiriguanos
- 45 — Guarayos
- 46 — Nheengabybas (Maraçó)
- 47 — Mojos
- 48 — Yurucaras
- 49 — Ubrajaras
- 50 — Indios de Cundinamarca
- 51 — Indios Pampas
- 52 — Puelches
- 53 — Patagões
- 54 — Araucanos
- 55 — Indios Peruanos, Quicháas
- 56 — Indios Mexicanos

solo de que o português se apoderava, era o homem da natureza como diziam e cantavam os grandes românticos. A idéia de um tipo humano naturista, sem artificialidade; idéia quimérica que foi alimentada desde o século XVIII, e por espíritos do nível de Rousseau, foi um dos dogmas mais caros ao romantismo; é aliás difícil distinguir o espírito nativista do romantismo, de que ele foi o exato reverso político-social. O mesmo *engouement* conduziria em França à galomania, na Península à celtomania, como no Brasil ao indianismo.

E' verdade que o grande Andrada, "êsse arquiteto ousado" da construção de um povo, ao traçar, com os largos surtos do seu gênio científico, o plano do edificio nacional, dera ao índio apenas um lugar (definido nos seus "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil") na portentosa construção, cingindo-se à realidade. Mas já o seu amigo, o patriota baiano, ao tomar o nome muito indiano de Gê Acayaba de Montezuma, mostra-se mais radical na simpatia pela raça oprimida das selvas. E o imperante apesar do sangue azul e tarado de Bragança, Bourbon e Habsburgo que corria nas veias desse impulsivo e teatral monarca do grito do Ipiranga, esquecia as suas origens régias e européas para tomar no Grande Oriente Maçônico o nome do heroe mais representativo da raça americana, o lendário Guatimozin dos espanhóis, êsse assombroso bárbaro Quauhtemoc, que tentara salvar do domínio hispânico, nas águas ensanguentadas do seu lago natal, a maravilhosa Tenochtitlan.

Não era mui outro o prejuizo nacional nas ex-colônias de Espanha; no Perú, o Inca Tupac-Amaru, cantado num soneto pelo nosso Basílio da Gama, rebelara-se em vão contra o domínio ibérico. Sobre Tupac-Amaru, a guerra das reduções do Uruguai etc. v. B. Moses, "Spain's declining power in South America (Semicentennial publications of the University of California)".

E estava bem viva a memória da grande raça régia dos Incas quando, antes de proclamar-se em Tucuman, junto ao país alpestre dos antigos Diaguitos, os "Calchaquis" belicosos — a independência platina — um do seus românticos chefes, Belgrano (piedosa astúcia da alma do patriota cheio de fé e de valentia) lembrava que se resolvesse o problema da nova pátria casando... uma princeza de Espanha com um descendente de Manco-Capac. Seriam, aliás parentes, rea-

lezas da mesma fonte astral, devendo ter a princeza o sangue de um rei-Sol, de Luiz XIV... (3)

Vê-se que o indianismo surgira como uma expressão natural e ingênua do nativismo dos povos recém-libertos...

Gonçalves Dias seria o poeta dessa imagem da nacionalidade em formação. A sua lira é um símbolo continental, como a espada de Bolívar.

3 — *As poesias americanas* — As suas "poesias americanas" abrangem várias feições. A mais freqüente é a heroica em "Y-Juca Pyrama", n' O Canto do Guerreiro", no "Canto do Piaga", etc., aliás produções, cuja forma e proporção as afastam da epopéia, realizando alguns dos melhores modelos das características rapsódias românticas, em que domina o personalismo lírico, próprio da escola. "Y-Juca-Pyrama" é com justo título a mais celebrada delas; reunindo, num ritmo largo, a uma descrição interessante da selva e da vida selvagem, um contraste de sentimentos de grande energia, esse poemeto é a máxima expressão do indianismo.

Y-Juca-Pirama — "o que deve morrer" é, como ele próprio explica, lídima frase tupí, bebida da gramática dos jesuítas como das crônicas o assunto — arrojada poetização da antropofagia ritual, como a praticaram os Tupinambás. Era no tempo algo de revolucionário, ferindo de frente preconceitos clássicos e sociais. Os trâmites da tragédia podem ser acompanhados passo a passo através das páginas de Thevet e das gravuras De Bry: a cauinagem; o prisioneiro entregue às mulheres; o sacrificador; a massa e a corda, instrumentos do sacrifício; o canto de morte. Dominando o quadro, uma nota humana de piedade e um rigor tremendo, de tabú polinésio, na cena patética da *maldição*. Extraordinária, a significação do rito bárbaro; o heroe vencido é amarrado ao poste, luta contra o adversário, tal como acontecia no México, onde era preso à pedra do sacrifício. E' o que arqueólogos, como Zelia Nuttall no seu livro sobre as idéias fundamentais das civilizações do velho e do novo mundo explicaram como representando o movimento estelar em volta ao polo, símbolo final da estabilidade eterna.

(3) O plano da monarquia incaica, segundo as memórias de um deputado de Buenos-Aires ao Congresso de Tucumán, era um *truo* para captar as simpatias dos quichuas na iminência da guerra no Alto Perú. Foi o desfêcho das ambições de Carlota Joaquina à regência do Prata, pois a "noiva" edvia ser (?) uma Bourbon-Bragança do nosso Reino Unido.

Leigos e literatos que nunca viram índios, ou só viram um — o que é o pior — fazem d'elles idéia bem falsa, que em vão procurariam nos versos gonçalvinos; entanto, já na *Revista da Exposição Antropológica*, J. Serra escrevera notável artigo sobre "As fontes da poesia indiana", mostrando, por exemplo, que a Canção do Tamoio é a exortação do pai ao recém-nascido, que se acha em Lery, e o Canto do Piaga se baseia em passagens de Joannes de Laet.

Ao lado, porém, da nota heróica e patética, Gonçalves Dias poetizou o índio no amor, dando-nos (além da visão suave, mas talvez pouco sugestiva da Coema d'"Os Timbiras") o idílio da selva, em "Leito de fôlhas verdes", e num poemeto, cujo fundamento indígena éle próprio em suas notas esclarece, a figura da flôr mestiça do sangue vermelho e do sangue branco, a desprezada pela tribu, a Marabá, "formosa e indolente", que vai pela vida "como um soluçado suspiro de amor".

Uma evidência de quanto era amplo e sadio o seu *idealismo nativista* é que não reuniu como poesias americanas só aquelas em que o índio surge como personagem. Na incomparável "Canção do Exílio" a sensibilidade é tão profunda, serena, mística, que põe em contacto a alma do poeta com a imagem ideal da terra e da gente, quasi sem objetividade nem ação.

* * *

Mais tarde, ferido uma e muitas vezes pela desdita, é nas grandes dôres anônimas da raça que éle funde a sua própria dôr. Assim, quando lhe morre a filha, o poeta, então no Amazonas (de onde voltaria já votado à morte), escreve as formosas e tristíssimas estrofes em que se refere ao culto extremado aos parentes, mortos no próprio lar, que sob tantas e tão curiosas formas, aparece entre as nossas tribus, (4) por exemplo da região do Madeira, onde éle esteve — e, revestido dos véus da fantasia, nestes versos:

"O nosso índio errante vaga,
Mas por onde quer que vá
Os ossos dos seus carrega"

(4) R. Lopes — Les indiens Arikêmes, etc.

porque, diz adiante,

"Tem para si que a poeira
D'aquelle a quem choram morto,
Emquanto a alma descansa
Da eternidade, no porto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam
Que de instante a instante regam
Com o seu prantear de amor".

E' que êle tinha o mesmo destino, erradio e ingrato :

"Ando como elle incessante,
Fugitivo, vago, errante
Sem próprio abrigo, sem lar".

Qualquer um dos cantos que acabamos de analisar é uma das melhores imagens poéticas, que se poderia dar do índio.

4 — *Os Timbiras e o regionalismo* — A grande epopéia incompleta d' "Os Timbiras" — {se se pode dizer epopéia um poema tão romântico} — merece também especiais reparos.

O que nela nos encanta é sobretudo o cenário da "savana" maranhense, grandioso e gracioso ao mesmo tempo. A descrição do sítio sob árvores à beira rio, onde os Gamelas esperam a Jurucey, o enviado dos Timbiras, é admirável, muito característica, bem regional.

Outro aspecto interessante são as visões dos piagas e dos velhos, prenhes do animismo, que enevoava essas almas nos êxtases do *cavim*.

E por que "Os Timbiras"? Por que escolheu êle essa tribo atrasada e sem celebridade histórica, nem importância atual? Todavia não escolheu o Tamoio, cantado pelo outro ilustre iniciador romântico; simbolizando o nativismo no jornal dos Andradas, a tribo audaz, que renteou o português nos alcantis do "Gigante de Pedra", era naturalmente indicada; o tamoio, íncola da capital do Império, era o Tupinambá da alma-mater da colônia — a Baía — e do próprio Maranhão.

Não se havia ainda, é verdade, desenvolvido bastante o conhecimento das raças amazônicas, e o índio clássico era

sempre o tupí-guaraní, com o tapuia como termo inferior de comparação. Apesar disso, na lenda, que povoara o grande rio de atrevidas Amazonas e abria no seio da selva o esplendor do zipa doirado de Manôa, havia um vasto campo para a idealização poética, e podia tê-lo aproveitado o poeta, que, em plena Amazônia, em Manaus, datou muitas das suas produções. O erudito permanecera cético em relação a tais lendas. Isto, porém, não impediria que o poeta as cantasse com a mesma liberdade com que os seus *piagas divinos* do Brasil falam dos "manitós". Digamos em seu abono que a palavra "manitós" foi empregada em sentido literário ou geral, como hoje se empregam — tabú (polinésio), *totem* (também dos pele-vermelha) e *clan* (do gaélico) — que tanto se ligam nas teorias etnológicas. Sobre a significação de *manitó*, veja-se "Handbook of American Indians".

Por que, insistimos, os Timbiras?

E' preciso aqui reconhecer dois pontos capitais do "pathos" gonçalvino, indo até ao íntimo da alma do poeta: o seu naturalismo desdobrado no regionalismo e no amor ao índio como homem da natureza.

Regionalista, tinha êle uma grande fonte de emoção no amor à terra das palmeiras, que tomara uma forma mais nacional e de sentimento mais amplo na "Canção do exílio", mais particularizada e cívica em "Caxias", no "Morro do Alecrim", etc., panteista nos hinos. "Minha alma não está comigo (dizia êle do Rio)... lá está a espreguiçar-se nas vagas de São Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cafezeiro, coberto de cipós e o pau do arco de flores amarelas".

O Timbira era o índio característico da região maranhense.

Essa nação fundamentalmente "tapuia", que na mais ampla acepção abrange o Canella ou Capiékran, o Sacamekran, o Makamekran, o Piocobgé e outras hordas, ocupou a maior parte do interior maranhense, região gé por excelência. Suas cabildas iam das matas entre Itapicurú, Mearim e Corda aos tombadores do Tocantins, e dos baixões do Pindaré aos alcantis do alto chapadão maranhense.

Gonçalves Dias, no prefácio de sua edição dos "Anais", de Berredo, ainda os incluía entre os tupís; mas já em o

"Brasil e Oceania" ôle os considera tapuias, diríamos nós hoje — *gês*.

Esses *Timbiras* no poema *falam* mais ou menos a língua geral; contudo era isso inevitável, não sendo fácil obter cabedal conveniente dos dialetos tapuias, enquanto que a terminologia tupi passou largamente para a linguagem nacional. Demais seria fácil a diferenciação entre povos *tupis* e *gês*, no conjunto de tribus a que se deu o celebrado nome de *Timbiras*, dado o número de hordas referidas por Gonçalves Dias, Lago e Paula Ribeiro? Segundo Paula Ribeiro, os Guajajaras seriam timbiras. São, entretanto, classificados hoje, que os conhecemos bem, como tupis. Os timbiras eram talvez uma liga.

Esta, então, resistia, impávida, na alta bacia do Grajaú, ao avanço dos entradistas de Pastos Bons, a vila que foi a *alma mater* do sertão maranhense. Muitos já vinham escorraçados do litoral. A fundação da vila da Chapada (Grajaú), a desunião entre as tribus substituindo a anterior solidariedade, eis as causas do final extermínio dos antigos donos da terra, dizimados impiedosamente, dia a dia, pela feroz bravura dos sertanistas. (cf. C. Marques — *Dicc. H. Geographico do Maranhão*; Carlota Carvalho — *O sertão*, etc).

Estavam, ao tempo de Paula Ribeiro, aldeados em Penalva e Codó, os Gamelas, rivais dos Timbiras no poema.

As lutas com os selvagens, em parte contemporâneas do poeta e em época em que estava mais perto dos seus lares a barbaria heróica dos Timbiras teriam de certo influído para a preferência de Gonçalves Dias pela tribo famosa que punha em cheque os sertanistas mais destemerosos.

Gonçalves Dias, entretanto, no seu poema, transporta-nos ao incio dessas lutas, aos tempos coloniais. Documentos antigos da coletânea do Arquivo Público do Pará, por exemplo a petição do Padre João da Cunha, falam dos Timbiras, dizendo que já naquele tempo (1732) tinha havido "muita bala em sima" deles.

Sua epopéia indígena devia ser a dêsse século XVII que é o século heróico do Brasil, a da conquista do país e também a da Amazônia, pois é em demanda das florestas de ceste e das margens do estuário paraense que os Timbiras, rechassados da região de *Tapuitapera* — Alcântara, deviam seguir, no plano do poema, no seu *êxodo*, que na concepção do poeta é um episódio do grande refluxo das tribus perse-

guidas para o seio maternal da selva amazônica — idéia pre-dileta, na obra poética como na científica, do grande escritor.

O enredo geral do poema incompleto nos é assim exposto por A. Henriques Leal, que conheceu em esboços os cantos inacabados ou perdidos.

Outra circunstância notável e que nos convence de que Gonçalves Dias, além de ter colhido sobre as hordas timbiras, no Maranhão, observações fragmentárias, como que *estilizou* pelo modelo tupi, é a de serem os Timbiras um povo cuja cultura, de aparência rudimentar, cabia ainda melhor dentro da noção, que então ainda exercia a sua influência, como um preconceito e ilusão de espíritos generosos e almas artistas, de que o índio era o homem da natureza, despido de artificialismo, na simplicidade infantil e virginal da sua vida de primitivo, ingênuo na sua brutalidade heróica e na sua sensibilidade rude.

Este retrato não sendo real, não é tão falso, tão oposto como se pretende ao verdadeiro índio; muitos dos traços psíquicos poetizados são verdadeiros, se bem que o homem da natureza seja uma pura entidade metafísica, anterior, como se sabe, ao indianismo.

De qualquer formã, como generosa simpatia e como amor à vida simples e à natureza, esse sentimento ressalta desde o exórdio do poema, em que, unido a um rude tronco de palmeira, o poeta desfere o seu canto, mais elegia do que epopéia da raça extinta.

5 — No que diz João Lisboa da exagerada poetização do índio não vemos alcance, a não ser a mesma amável ironia com que *Timon* nos mostra o poeta, alegre, entre as moças, na festa dos Remédios, sem aquelas máguas "que nos vende nos seus mimosos versos"; os avoengos índios que "só de heroes faziam pasto" são pelo menos tão poetizáveis como aqueles façanhudos avós portugueses que brigavam à adarga com os mouros, e sobretudo o feroz Pedro Cru que aparece nas mais brilhantes criações arrancando os corações dos matadores da linda Ignez, a árdega mulher medieval poetizada por Camões com o mesmo direito com que o velho Duração dizia que na Paraguassu "onde não era neve era de rosa".

Diante das realidades da História, é mister dar um pequeno desconto às absolutas excelências do arianismo e do lusitanismo. Não se realizaram os temores do espirituoso e mordaz historiador maranhense que, abrindo um parêntesis à severidade do assunto, confessa alguns receios de ver

ainda entrar no Maranhão o vapor imperial *Tupan* conduzindo o exm. presidente *Ararigboia*. . . A *mania* indianista passou; mas nem por isso devemos achar menos poéticos os nossos Tabiras cavalheirescos e as nossas Iracemas sentimentais.

Uma raça que, preenchendo na formação brasileira um largo papel necessário, produziu um Camarão e um Ararigboia, não era tão desvaliosa como elemento suscetível de idealização estética. A própria selvageria dos costumes era a mesma, sem grande diferença, na raça dominadora e na vencida; e nesta, às vezes requintada nos seus ramos mais cultos: no México, os espanhóis revidavam à ferocidade dos aztecas, respondendo com o leito de rosas ardentes da tortura ao punhal de obsidiana dos sacrificadores do Deus da Guerra. . .

Não seria lícito considerar o indianismo como fórmula única definitiva do sentimento nacional na arte, embora a sua renovação cíclica prove a sua necessidade. Condenar, porém, em Gonçalves Dias esse conceito nativista seria o mesmo que censurar a Camões porque não trate do Brasil —suprema esperança do povo lusitano— e cante a Índia —a grande miragem que perdeu Portugal. . . Não se confunda o ideal poético com a fatalidade histórica.

Mestiço, repellido talvez tanto pela sua pobreza ativa de intelectual como pela sua extração, numa suprema questão de sentimento, a sua orgulhosa renúncia ao amor a que só poderia chegar pelo escândalo, é um traço singular que entreabre talvez o véu das razões íntimas e profundas do seu nativismo.

Culmina na poesia "Ainda uma vez adeus" essa crise moral, veladamente descrita por Antonio Henriques no "Panteon", patente na sua lírica, por exemplo o poemeto "Anália" e na deplorável carta (ms. da Biblioteca Nacional) em que o poeta confessa as conseqüências do seu casamento imponderado ao amigo-irmão Alexandre Leal. Felizmente o que sabemos do seu zêlo pela mãe humflima, e do conjunto da sua vida afetiva, transforma em piedade a estranheza daquele desabafo. (5)

Nascido em 1823, quando o pai, português, fugia dos

(5) Nos seus artigos bibliográficos, M. Nogueira da Silva tece interessantes considerações sobre a vida cerebral, a do sofrimento e a da carne, na tragédia daquele que disse: "desejar e sofrer foi toda a minha vida".

ESBOÇO DAS EXCURSÕES DA COMISSÃO
SCIENTIFICA DE EXPLORAÇÃO NO CEARÁ
E REGIÕES VIZINHAS.



bacamartes dos independentes, educado no exílio, a sua alma amara no selvagem a personificação da terra; se era essa também a fórmula de combate com que a nova pátria se afirmava ante as suas origens ultramarinas... Dêle se pode dizer que nasceu com a Pátria, do mesmo modo que de Camões se disse que morria com o antigo Portugal.

Seria êle ilógico, rimando também as "Sextilhas"? Parece-nos que há na arte alguma coisa além da lógica; ou antes, êsse conflito entre a forma castiça e tradicionalista e o espírito rebelde e americano, era a lógica do sangue...

As "Sextilhas de Frei Antão" estão cheias de mouros; é o orientalismo romântico, num português arcaico medieval; pois bem, observadores como Roquette Pinto e o autor d'êste ensaio e filólogos como Franco de Sá registam tais caracteres *arcaicos*, já no viver sertanejo, já no falar do povo, e os nossos folcloristas, desde os artigos de Celso Magalhães continuados pelo livro de Silvio Romero, documentam a riqueza das fontes mouriscas da nossa poesia popular.

Era outro modo de remontar às raízes profundas da nacionalidade, refugindo ao néo-lusitanismo eivado de influências estranhas.

Quem mais arrenega do índio hoje, são os cultores exagerados do *africanismo*, ora sob o influxo do exotismo europeu, ora na bôa fé, por insuficiência de estudo.

Negam-lhe tudo, da influência nos sentimentos até... a influência na cozinha nacional, tão evidente ante os dados a êsse respeito reunidos por Barbosa Rodrigues e ante o vocabulário de Tastevin.

Seja como fôr, e por mais que pareça excessiva hoje a espíritos prevenidos a sua admiração generosa pelo homem americano êle é bem o poeta da terra e da raça originária do Novo-Mundo, ao mesmo tempo que, com os seus surtos líricos, o nosso grande poeta nacional.

Bem o podemos adiantar, dentro da relatividade dos conceitos que se podem formular numa questão como esta, que, por mais que o queiram falsos rigores críticos, nem sempre se pode totalmente reduzir aos moldes do saber positivo.

E' inútil discutir a estatura dos nossos grandes poetas aferindo-a por metros mais ou menos pueris, ou ao sabor das mais ousadas renovadoras opiniões personalistas ou o espírito de destruição foi até o menosprêço dos grandes espíritos, que, como Gonçalves Dias, fôram no seu tempo os

precursores das mais generosas tendências originais do idealismo brasileiro.

Alguns modernistas consideram José de Alencar como o iniciador da brasilidade na linguagem; mas as tendências galicistas e libérrimas do estilo do fecundo romancista cearense não são realmente tão brasileiras como a perfeição tradicionalista com que Gonçalves Dias (antes dêle era feio escrever *cuia*) conciliou a nacionalização do léxico e as fontes antigas da língua.

De qualquer modo nêle devemos buscar os germes, de que o pensamento literário nacional deve necessariamente brotar. Não cabe, entretanto, tal apreciação nos moldes dêste ensaio. Em todo caso diremos com um crítico maranhense, Antonio Lopes, que êle é a "figura representativa da nossa poesia" e "o poeta sintético do romantismo", aquele que reúne o melhor das qualidades estéticas dos outros poetas brasileiros. (6)

Será preciso lembrar que nêle, o nosso grande poeta do amor, o poeta de forma moderna das *poesias póstumas*, o panteísta místico, há muitas coisas além do indianismo?

Cantando o índio, êle abriu o caminho a todos os que cantaram ou defenderam as raças perseguidas ou abandonadas do nosso patrimônio étnico. Êle próprio, embora acidentalmente, numa época em que ainda não irrompera o abolicionismo, referira-se ao negro e com a mesma generosa elevação. E a beleza sentimental das suas teses poéticas abriu no sentimento nacional sulco muito mais profundo que os cantos do autor das *Brazilianas* que era aliás como êle um poeta culto e também um dos prógonos da poesia nacionalista. [E assim, ainda, preparou o espírito do povo para o verbo reivindicador do poeta dos escravos.] O *sertanismo* — eis a fórmula derradeira dêsse anseio dos nossos artistas pela exaltação do *fundo étnico*, se é lícito dizer, do sentimento brasileiro.

Mas todos êsses surtos de amor à natureza e todos êsses impulsos heróicos e altruistas, e os devaneios de amor e a tristeza revoltada da "alma brasileira", tudo isto vive nos cantos de Gonçalves Dias, com uma expressão amplamente humana de que o indianismo é a generosa, pitoresca e brilhante fórmula exteriorizadora.

(6) V. "Pacotilha", do Maranhão, número do Centenário de Gonçalves Dias — 10-VIII-23.



O santo do Içana (Museu Nacional)

O DEFENSOR DO INDIO

6 — Não foi, porém, Gonçalves Dias apenas o cantor da raça, foi um dos seus defensores. Do problema indígena fôra apontada a solução por José Bonifácio, com uma clarividência que ainda hoje inspira a proteção às tribus restantes no vasto interior brasileiro.

Os seus "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Brasil", descontento algo que nêles há de idéias que passaram com as condições da época, ficaram como padrão básico dos nossos princípios humanitários.

Mas após a doutrina de justiça e tutela filantrópica em que se inspirara o *patriarca*, veio a reação contra os exageros do nativismo indianista, e se um João Lisboa, nunca tendo chegado a negar ao índio direito à proteção por meios humanos e brandos, evolue de um "lusitanismo" parcial no sentido de uma maior consideração pelo selvagem, e de uma crítica mais severa à ação do colonizador, Varnhagen marchou em sentido contrário.

Assim João Lisboa, que ironizara as idéias generosas do prefácio da edição de Berrêdo, em que o nosso poeta tanto exaltou o índio, criticou as passagens da "História Geral do Brasil" em que o mais erudito dos nossos historiadores expende idéias um tanto exquisitas, pleiteando um sistema de coação forte, indo até a guerra, sem que deixe de se interessar pela sorte da desvalida grei selvagem, antes desejando uma espécie de protetorado severo. *Sincera*, embora *rude*, (como o seu autor) essa opinião de Varnhagen teve uma justificativa *ad hominem*, um incidente pessoal de viagem, perdurando no seu espírito a impressão penosa de um ataque indígena que sofreu a comitiva em que ia (v. Roquette Pinto — *Seixos Rolados* — "O segredo das Uíaras"). Era, pois, uma idéia ocasional, embora como ele próprio frisa, desinteressada e movida pelo que julgara convir ao país. Opinião tardia em quem, como Varnhagen, e não o esqueçamos, foi um dos corifeus do estudo do índio, tendo mesmo sido quem propoz, no Instituto Histórico, a criação da seção etnográfica dêsse tradicional grêmio erudito e o respectivo programa.

Há um traço subconsciente de espírito de supremacia étnica nas idéias dêsse *nórdico* brasileiro, de origem germânica, altivo e rijamente franco, e penetrado de uma filosofia histórica não raro unilateral, em que o aspecto unitário, europeu e imperialista, se podemos dizer, da nossa naciona-

lidade, predominou, filosofia essa que nem sempre esteve à altura do grande saber e escrupuloso historiar, que o consagraram o príncipe da historiografia brasileira.

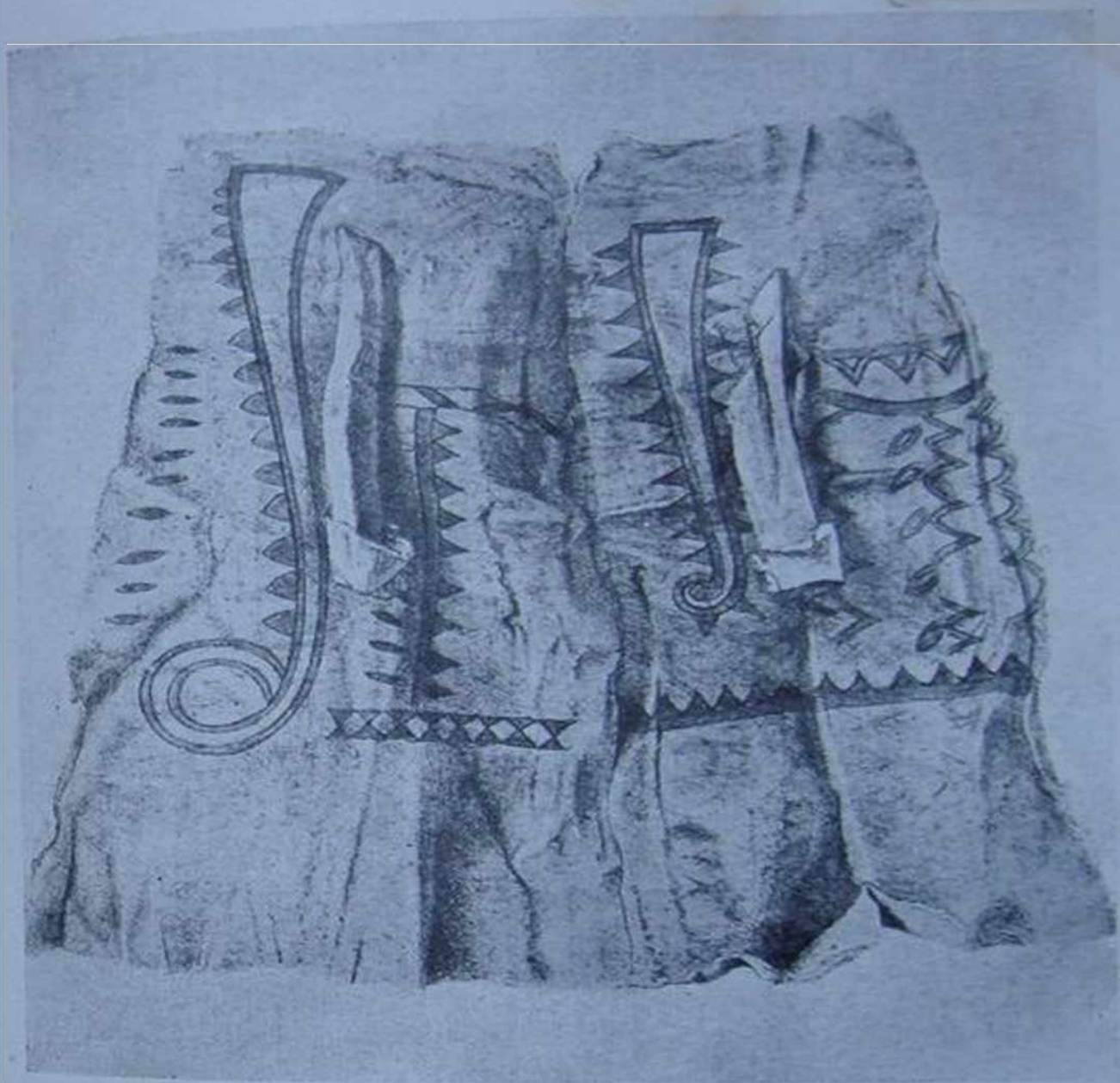
Em todo caso, para o tempo e quando ainda não se passara dos esforços de um Couto de Magalhães as realizações de um Rondon, o problema índio revestia-se de dificuldades e incertezas, entre as quais o protetorado excessivamente enérgico mas bem intencionado do alarmado Varnhagen tinha uma *relativa* razão de ser utilitária, apesar de inaceitável em face dos lídimos princípios de humanidade. Hoje, seria ainda mais aberrante; mas, nessa época, não era o Brasil ainda um país de escravidão?

Com o seu conhecimento do índio, o poeta maranhense dominado embora pelos seus preconceitos românticos sobretudo a princípio, foi um dos que melhor versaram o problema, influenciando para manter na opinião do país as simpatias pela oprimida raça.

O prefácio aos "Annaes" de Berrêdo ainda é imbuido de fantasia, chegando mesmo o poeta a identificar o índio como o tipo brasileiro puro, profligando a brutal intrusão dos conquistadores de um modo bastante vivo. Progrediu dessas idéias, mas com uma notável coerência. Já em o "Brasil e Oceania", a sua opinião era mais moderada, efeito dos anos de estudos que lhe tinham decorrido.

Assim, com o mesmo calor de simpatia humana que dantes, já não exalta tanto o índio, e termina a "memória" com um caloroso apêlo ao país e ao imperador, que honrava com sua presença o Instituto Histórico: "quizera que não fôsse isto considerado, como panegírico de uma raça *que mais merece commiserção que louvor*, mas como um brado, embora fraco, em favor da catechese dos índios".

Aproximava-se das idéias de José Bonifácio — um humanitarismo franco sem intuitos apologéticos; e são as de hoje. Realmente, se no terreno da Arte podemos justificar plenamente os arroubos indianistas, no dos fatos positivos não; comparadas as diversas tribus, sob o ponto de vista do seu nível de cultura e de sua adaptabilidade à nossa civilização a questão tem nuances variáveis, mas que se totalizam num ponto de vista aplicável a todas: a necessidade de estudar, e mesmo talvez a de adaptar no índio uma cultura étnica e até artisticamente interessante; a necessidade e dever ainda maior de proteger no índio uma raça atrasada e enfraquecida, mas que faz parte do nosso patrimônio de povo e cujos males



Veste de tecido vegetal (Museu Nacional)

em grande escala foram devidos às violências e aos vícios da nossa gente civilizada ou semi-civilizada.

Sob esse ponto de vista, a *questão sertaneja*, posta em foco por Euclides da Cunha é fundamentalmente idêntica à questão indígena, como já entendia Couto de Magalhães; é o mesmo ponto de vista fundamental da obra rondoniana, apesar desta visar especialmente o índio. A *etnografia sertaneja*, organizada pelo dr. Roquette Pinto sobre os lineamentos da obra de Euclides vem, correlativamente, no terreno científico, apor-se à *etnografia indígena*. O *sertanejo*, o homem brasileiro dos campos em geral, que a literatura crismou com o pitoresco apelido de *jeca-tatú*, é bem muitas vezes *outro índio*, no desvalimento. E, se nos lembrarmos de que o índio é tantas vezes o *lobo... do índio*, não veremos mais com tanta estranheza as lutas do sertanejo, melhor armado pela civilização, com o seu irmão selvagem; são o que há de mais natural entre populações de economia atrasada que se disputam os sertões sempre pequenos para a sua penúria. Cabe aos civilizados a missão de progresso e de paz.

O ilustre Rondon, dedicando-se a essa obra com a sua pleiade de bandeirantes da ciência e do civismo, personifica entre os contemporâneos e no domínio da ação, a nossa *indianidade* de que Gonçalves Dias foi o grande espírito.

O HISTORIADOR E ETNÓLOGO

7 — *Erudição e observação social* — Salvo talvez o Timon, tão ático quão erudito, e Porto Alegre que dirigiu a secção de Arqueologia do Museu Imperial e Nacional, mas só se ocupou de numismática e arte clássica, nenhum dos seus contemporâneos reuniu como ele a capacidade para os estudos exatos, aos dotes de artista.

Gonçalves Dias na sua obra de esteta e na cruzada em prol do índio serviu-se de uma erudição e de um saber etnológico invulgares, que apenas suspeitamos ao lermos, enlevados, os seus admiráveis quadros da vida indígena poetizada. E' que o poeta se desdobrara no homem de ciência, no autor de "Brasil e Oceania", do "Dicionário da Língua Tupy", de várias memórias históricas; enfim, seria o encarregado da secção etnográfica da famosa e infeliz expedição científica enviada às províncias do norte — a *comissão das borboletas*...

Pode-se dividir a vida intelectual de Gonçalves Dias em três ciclos: o da *poesia*, o da *história* e o da *etnologia*; o primeiro começa na vida de estudante em Coimbra (1841) e, se bem que prepondera apenas na sua mocidade, abrange toda a sua existência; o segundo começa com a sua fixação no Rio de Janeiro, acentua-se a partir das "Reflexões" sobre os "Annaes" (1849) e abrange "Brasil e Oceania", lida no Instituto Histórico em 1852; inclue-se ainda essa grande obra no ciclo histórico por ser de erudição mais que de observação; quanto ao conteúdo e finalidade, assim como há páginas de grande fidelidade descritiva nas poesias indianistas, há primores de estilo até nos seus relatórios burocráticos; nem é possível separar completamente em tais categorias os livros que compõem a obra de tão forte unidade do grande escritor. As suas últimas memórias na "Revista Trimensal" marcam o fim desse ciclo (1855).

O terceiro ciclo que se inicia em 1851, com o Vocabulário da língua geral e "Brasil e Oceania", na "Revista Trimensal", abrange especialmente o período de 1858 (Dicionário da Língua Tupy) a 1862, estada no Rio de Janeiro antes da viagem final à Europa, compreendendo os trabalhos da Comissão Científica, a viagem ao Amazonas e a Coleção Etnográfica exposta em 1861.

Entre os seus trabalhos *puramente históricos* vemos, na "Revista Trimensal" do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro:

— *Anotações ao Catálogo dos capitães-generaes e governadores do Rio Grande do Norte.*

— *Exame nos Mosteiros e Repartições Públicas* (para procura de documentos históricos do Maranhão, contendo observações sobre a história maranhense e reparos sobre a incúria a respeito dos documentos do passado no Maranhão e no Brasil em geral).

— *Reflexões acêrca da memória* do ilustre membro Joaquim Norberto de Souza e Silva (este era favorável ao propósito no descobrimento do Brasil, G. Dias ao desvio de rota).

— Dois trabalhos, na discussão em que foi a favor da memória de Machado de Oliveira sobre a questão das fronteiras do sul, contra o parecer de Duarte Ponte Ribeiro.

Não entra neste ensaio a apreciação cabal desses estudos. A interpretação do propósito no descobrimento reaparece hoje mas com melhores fundamentos e deixo aos eruditos especializados decidir se o sentimento dos lusitanistas não acentuou mais os lados favoráveis que as faltas pelo escritor

brasileiro observadas na náutica dos descobridores, com documentos, o melhor dos quais — a carta de mestre Joham, o Instituto, é justo lembrar, devia a Varnhagen. Já no outro caso a questão se eivara de escrúpulos diplomáticos: não fôsse a afirmação da prioridade da Colônia do Sacramento ferir melindres nacionais no Rio da Prata. Gonçalves Dias opoz a isso a sua opinião de estudioso e o seu sentir de patriota.

★ ★ ★

Certas poesias: "Desordem de Caxias", o "Morro do Alecrim" etc., refletem as crises nativistas que agitaram a sua região natal, terminando na barbara explosão da Balaiada. Antecipando-se á época, quando ainda não eram bem entendidos os problemas sertanejo e africano, Gonçalves Dias, mercê das circunstâncias que lhe ambientaram o berço, esboçou uma interpretação de tais problemas na prosa da "Meditação", em que sob o véu transparente de uma alegoria histórica traça um quadro da vida do Brasil brasileiro, com suas populações variadas e suas antinomias sociais, na época agitada da Regência (7). A "Medição" é a nebulosa de muitos pensamentos que tiveram o seu brilho solar em "Os Sertões", de Euclides da Cunha. Nem lhe são estranhas as fontes de vida da "política da Terra" de Alberto Torres.

(7) Não eram poucos os desafetos literários de Gonçalves Dias, entre os quais o autor do poema "A independência do Brasil" e o dr. Melo Moraes, por ele visado na sátira ao dr. Veludo. Manda a razão aventar a hipótese de que "Meditação" lhe valesse outro desagrado, o de poderosos da época. Ao marquês de Olinda, responsável, como demonstrou Capistrano pelo extravio da História do Brasil de Frei Vicente do Salvador, seriam antipáticos o Timon e o autor de "Meditação"? É possível, pois ambos se referiram com acrimônia às oligarquias, e Lisboa redicularizou cruamente os presidentes da sua província, ao tempo da "Balaiada", responsabilizando pelos horrores desta, esses amdatários do governo do então regente Araújo Lima. Si a antipatia do Conselheiro Furtado por Caxias, de tão graves consequências na guerra do Paraguai, veio de um incidente da "Balaiada", é possível que dessa fase viessem certas implicancias com os dois escritores. "Meditação" não esqueçamos, saiu no Rio, em 1840, e "em linguagem allegórica continha páginas candentes...

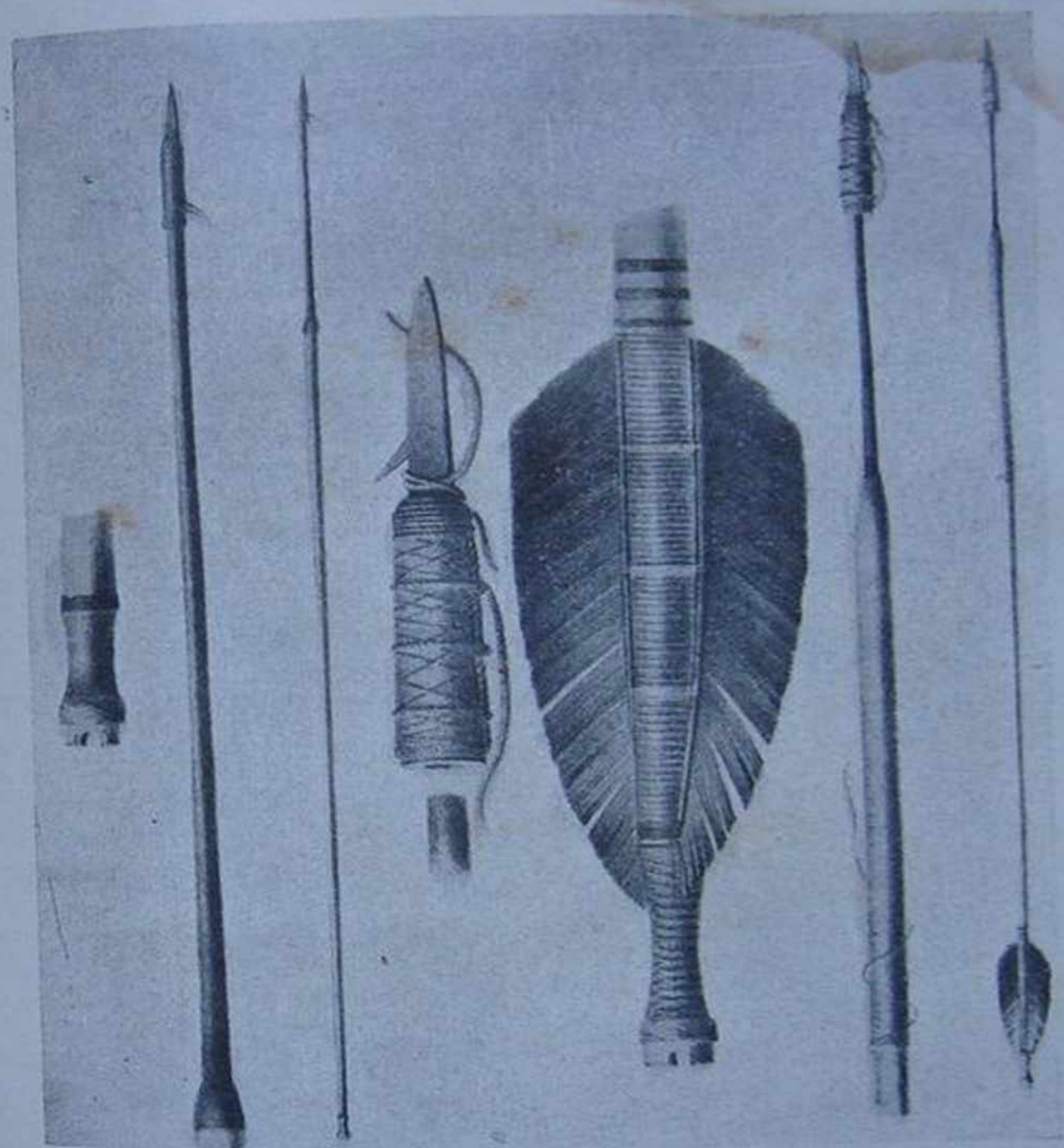
Sobre a caracterização dessas lutas e a formação regional consulte-se: Euclides da Cunha, "Da Independência à República", R. Lopes, "Entre a Amazônia e o Sertão", "Aspectos da Formação Sertaneja", etc.; Carlota Carvalho, "O Sertão".

8 — *BRASIL E OCEANIA — As migrações tupis* — Não tendo, quer por extravios, quer pela sua morte prematura, uma parte dos resultados últimos da sua atividade de erudito, de observador e doutrinador, somos forçados a julgar das suas idéias sociais e etnológicas, de acordo com os seus trabalhos anteriores, sobretudo a memória intitulada "Brasil e Oceania".

O Imperador, em 1849, sugerira, no programa a ser tratado no Instituto Histórico, o estudo comparativo dos aborígenes do Brasil e da Oceania e as deduções respectivas sob o ponto de vista da "catequese". Em 1852 (Agosto) leu Gonçalves Dias a 1ª parte, a brasileira; contudo só na "Revista do Instituto" de 1867 e nas "obras póstumas" foi publicada afinal. A "Introdução" à edição de Berrêdo (a qual é de 49) é a primeira feição das suas idéias etnográficas e sociais que quatro anos de indefessos estudos históricos muito desenvolveriam.

Neste trabalho, que demonstra ampla e meditada leitura de autoridades de então no assunto, além de resumir o que se conhecia dos costumes e mais aspectos étnicos dos nossos índios, desenvolve ele interessante confronto entre os povos indígenas do nosso continente e das terras insulares do Pacífico. A tese oficial que lhe fôra proposta, é a desenvolveu cabalmente, inclusive o problema da catequese, hoje diríamos a proteção. E' a obra naturalmente dividida em duas partes. Na primeira e muito mais extensa, dedicada aos povos brasílicos, ele trata de divisão das tribus e das suas prováveis migrações, dos usos, costumes e crenças das mesmas. Baseia-se sobretudo, com seu largo saber histórico, nos cronistas.

O quadro das raças indígenas que apresenta parecer-nos-á hoje acanhadíssimo; impossível era aliás dentro dos limites dos conhecimentos do tempo no assunto, ir muito além, pois só as grandes investigações arqueológicas e etnográficas, sobretudo no vale do Amazonas e no chapadão mato-grossense revelariam novos aspectos da nossa etnologia, fazendo ver a importância e os verdadeiros caracteres dos aruaques e ca-



Sararácas

essencialmente o meio amazônico, desenvolve as idéias que Gonçalves Dias apresentara. Assim as investigações mais modernas dão ganho de causa nessa questão aos nossos grandes historiôgrafos contra Martius e D'Orbigny.

Associando embora a importância etnográfica do Amazonas aos destinos do tupí, o fato é que, na sua hipótese, Gonçalves Dias teve a intuição da importância do vale amazônico e especialmente da zona inferior paraense na formação cultural dos povos sul-americanos, ligando-a às condições naturais, à abundância de recursos de pesca, de caça, etc., que favoreceram, na Amazônia, a formação de uma civilização rudimentar.

Admitia mesmo, de maneira embora menos precisa, as grandes migrações vindas do norte, idéia que aliás não era, já nêsse tempo, opinião isolada e que os escritores de então fiavam sobretudo de certas analogias entre os costumes dos índios das duas Américas, segundo Lafitau e outros, que exageraram o alcance dessas semelhanças.

O nosso escritor invoca mesmo a tal respeito os *anais mexicanos* e, de acôrdo com as interpretações necessariamente ainda embrionárias dos autores do tempo, julga que o século XI foi a época menos remota em que povos mais bárbaros poderiam ter descido do norte através das civilizações centro-americanas...

Sobre as relações arcaicas entre as duas Américas v. R. Lopes — *Les Indiens Arikêmes; La Civilisation Lacustre du Brésil* — Além dos trabalhos de Uhle, Spinden, Nordenskjold, etc.

Para a teoria moderna da origem dos tupís no alto Amazonas contribuiu sobretudo um engano de Friederici e da tradução, por Löfgren, do velho Staden, tão citado por Gonçalves Dias; — atribuíram sarabatanas aos Tupinambás, numa passagem onde, como mostrou Nordenskjold, a palavra "rere" não podia ter tal sentido. No nosso estudo sobre os Tupís do Gurupí, apresentado ao recente Congresso de Americanistas de La Plata, revimos alguns lados da questão mostrando que os Tupís tiveram, provavelmente, a sua área inicial do Xingú ao Tocantins.

Vê-se, pois, que a ciência do tempo, embora ainda tão obscuramente, já lobrigava os grandes movimentos de povos americanos do norte para o sul, o que é hoje hipótese adotada por eminentes cientistas para explicar as semelhanças das mais antigas culturas de acôrdo com a idéia da origem asiá-

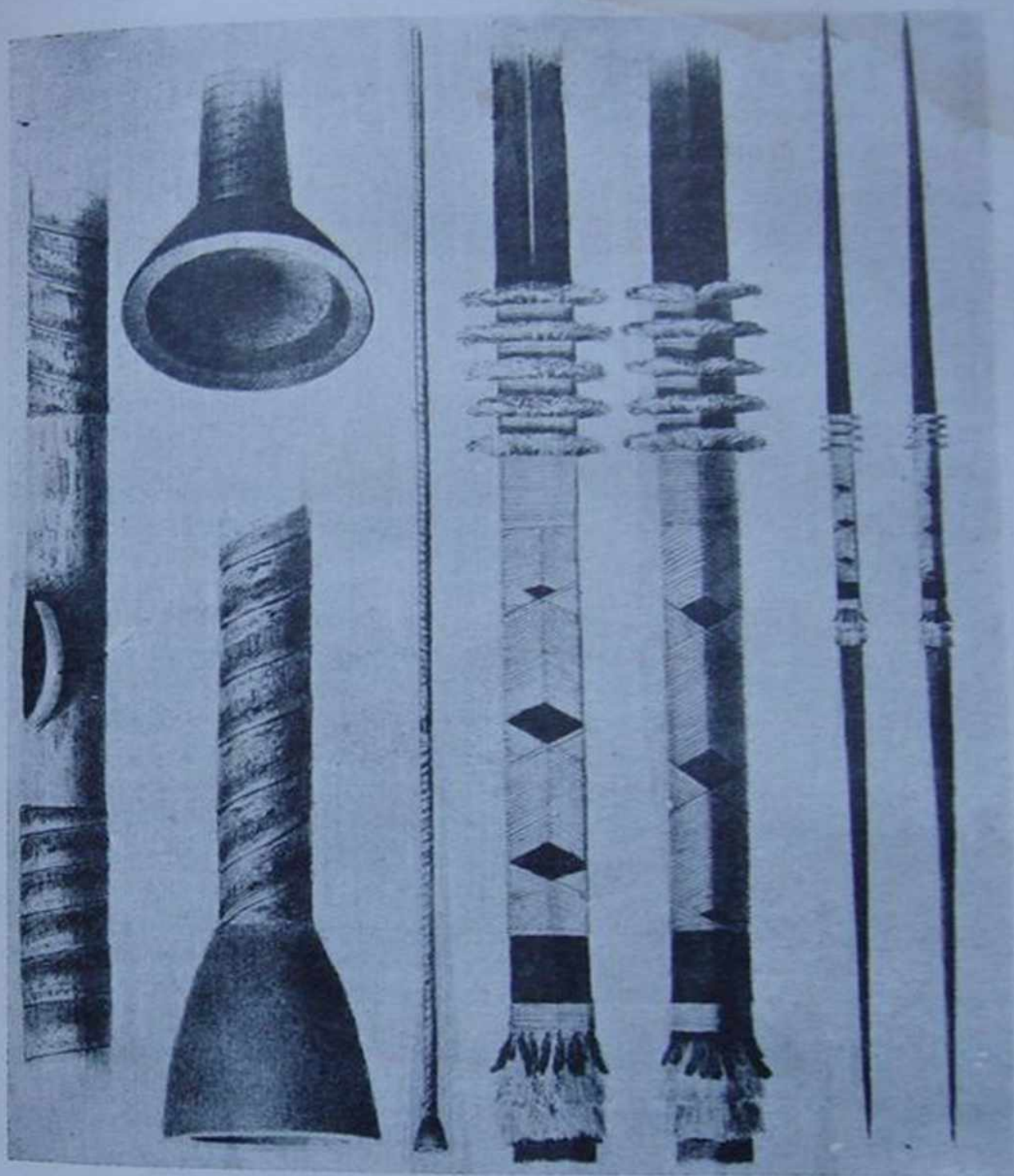
fala dos contrastes entre essas tribus do interior, deixando margem a uma pluralidade de grupos. A palavra "tapuia" (da qual Varnhagen criticava o uso com certa razão, mas que até o próprio von den Steinen empregaria), corresponde ao grupo gé principalmente, mas como reconhecia Gonçalves Dias, havia diversidade entre as línguas dessa gente, não sendo ainda fácil deslindar essa complexa massa a que ele como outros dava tão imprópria denominação. E quem então, mesmo com maior cabedal de dados, os classificaria melhor?

Afinal de contas o grupo gé ou cran de Martius era formado apenas dos do norte: o sábio alemão formara com os Botocudos o grupo cran, arbitrariamente, ao passo que Gonçalves Dias admitia a identidade linguística entre estes e aqueles, quando, na nota anteposta ao Vocabulário da Língua Geral, afirmava, referindo-se a um pequeno vocabulário dos pupecrans do Mearim, por ele obtido, e que não foi publicado, nem sabemos se ainda existe, que a linguagem e os usos desses Tapuias do Maranhão os ligavam aos Aimorés (Botucudos). Relewa notar que Gonçalves Dias conhecia essa e outras tribus orientais através da obra de Maximiliano de Wied, que cita largamente.

Von den Steinen, na sua obra fundamental sobre a primeira expedição ao Xingú, associava, num amplo grupo tapuia, os gés de Martius, os Botocudos, Goitacazes e Carajás, restabelecendo assim, com fundamentos novos e mais nitidez, a distribuição gonçalvina. Mais tarde seriam separados por Ehrenreich e outros os grupos Carajá, Cariri e Puri-goitacaz; pois bem, estes dois são justamente aqueles que Gonçalves Dias notara relativamente autônomos no bloco tapuia, o qual permanece como um agrupamento de afinidades culturais e linguísticas parciais, a que foram agregados, até certo ponto, os Nhambiquáras da *Rondonia*, de Roquette Pinto.

A classificação de Martius, historicamente, é o ponto de partida das modernas, mas é gratuita a suposição de que ele assentara as bases da atual divisão.

Quando se vê que alguns dos grupos de Martius, os Guck, a *colluvies gentium* — foram totalmente desfeitos e rejeitados, e que tantos grupos novos vêm sendo admitidos, sente-se que não será razoável increpar ao autor de "Brasil e Oceania" a não caracterização dos outros grupos cuja pluralidade ele achava possível e até provável. Mas uma classificação desse gênero jamais poderá ser um quadro rígido.



Arcos e sarabatana

A simplicidade do esquema etnográfico gonçalvino é mais uma questão de insuficiência de dados, do que do preconceito da tupimania, que no nosso autor era mitigado pelo bom senso e pela cultura, se bem que em o "Brasil e Oceania" se note a ingenuidade de certos argumentos eruditos a que faltou o apoio da observação. Ele já conhecia, de certo, os índios do Maranhão: quando nasceu, uns quatro anos depois de Martius ter passado por lá e visto Timbiras e Tupís mansos, Caxias das Aldeias Altas era ainda bem indiática. Essas observações da juventude se evidenciam nas páginas da grande memória, naturalmente incompletas ou indeterminadas, como por exemplo, quando fala de um atirador indígena que observou.

Eis o que resta, com o nome de Timbira, nas selvas maranhenses: uma pequena cabilda mansa, assinalada já no Mapa de St. Amand (seriam os mesmos *pupekranz* de G. Dias?) e situada na zona de Bacabal (Baixo-Mearim); incursões, aos Timbiras atribuídas, nas florestas do Pindaré; uma aldeia, denominada dos *timbiras*, no Cajuapára, um dos formadores do Gurupí e os de Arapariteua, neste rio, alguns dos quais conheci em 1930.

Os Canelas a léste do Mearim superior, transitam para as chapadas, morando no divisor Corda-Alpercatas.

Quanto aos Gamelas de que Paula Ribeiro deu alguns traços, que sabemos deles hoje?

Dizimados ou assimilados pela civilização, talvez, ao que por lá me constou, ainda se encontre um resto deles foragidos nas matas do alto-Turi.

Tive ensejo de observar em S. Luiz dois Caiapós e um Cherente; obtendo então simultaneamente os respectivos vocabulários, impressionou-me "ao vivo", o contraste entre as duas *linguas*, enquanto que o dialeto caiapó tanto se assemelha aos dos Timbiras de Nimuendajú e outros.

As denominações Timbira (ou *Timbirá*), Canela e Gamela, imprecisas e de uso popular, devem preferir-se os nomes de *hordas*, com as terminações de *Kran* e *Bú* (Gamela *Acobú*); é o que depreendemos de uma referência de Ehrenreich, que as aparenta aos Caiapós, o que se verifica nos vocabulários de Nimuendajú, Krause, etc.

Essas hordas não se podem considerar, em conjunto, bem estudadas, se bem que algumas o fossem por Martius e Castelnau. Paula Ribeiro deixou a respeito dos seus costumes e lutas dados sinceros, em parte de observação própria, na sua memória do vol. III da Revista Trimensal do

Instituto Histórico. A Castelnau devemos vocabulários dos dialetos da zona tocantina, a Martius um dos Aponegikrans "Timbirá de Canela Fina".

O Sr. Etienne Ignace reuniu num artigo de "Anthropos" (vol. V) o que conheceu a respeito dos Capiékran (Canelas).

Kissenberth observou os Canelas da divisória Corda-Alpercatas, publicando breve memória no "Bassler Archiv" (Bei den Canela Indianer, etc). Esses crans ficaram bem estudados depois da memória de H. Snethlage no "Zeitschrift für Ethnologie" (1930), do livro de S. F. Abreu (Na terra das palmeiras) e das viagens do incansável observador, que é Nimuendajú. Th. Sampaio estuda os craós e segue a divisão de Martius.

E diante de tantas aquisições só a respeito dos famosos gês maranhenses, ainda são grandes as dificuldades, quando se trata de saber, por exemplo, se um grupo novamente estudado, como os da *Rondonia*, entra ou não na família *gê-botocuda*...

Não podemos pois regatear a nossa admiração a esses pioneiros da ciência, Martius ampliou os horizontes da etnografia com seus glossários e a sua tentativa de classificação; os acertos do erudito brasileiro não diminuem a importância dos seus "Beiträge", onde ainda hoje encontramos um acervo magnífico de elementos de estudo.

Embora fossem eles contemporâneos, estava Gonçalves Dias bem perto da morte quando pela sexta década do século, essa obra de Martius, apareceu.

Dadas as deploráveis circunstâncias que nos privam das conclusões dos seus últimos trabalhos, não sabemos se então as idéias do poeta-sábio se iam modificando.

O seu relatório sobre os artefatos amazonenses é interessante como etnografia descritiva e tecnológica, mas nem era de esperar de trabalho dessa natureza a elucidação de tais problemas; quando às línguas, limita-se a dizer que a dos Jauas era tão diferente do Quichua como do Tupí; sobre essa, ainda hoje Tessmann diverge algo de Rivet.

As cartas sobre a viagem ao Amazonas nada adiantam sobre os índios, nem as que escreveu doente, na Europa, o grande brasileiro.

Não é justo, porém, sem provas, supor que ficasse preso ao dualismo "tupí-tapuí" o homem que, já em 1852, dizia que *duas raças pelo menos de índios* habitavam o Brasil.

Couto de Magalhães adotaria como os outros, a classificação de Martius... e entretanto a preocupação do

tupí é na sua obra não menor que na de Gonçalves Dias. O próprio Martius, ao parecer insuspeito de Ehrenreich, ainda exagera o papel do Tupí...

Essas idéias gerais que acima analisámos estão contidas sobretudo na *Introdução de "Brasil e Oceania"*.

10 — *Idéias gerais. Os oceaníenses* — Faz estudo minucioso das instituições, costumes e religião dos selvagens, principalmente os tupís. Apesar do que de excessivamente *dualista* o seu sistema religioso dos tupís encerra de acôrdo com os cronistas, do mesmo modo que a interpretação de Couto de Magalhães, baseada na idéia dos espíritos tutelares da natureza (*"Mães dos seres"*) é marcadamente panteísta; apesar também de que ainda se ressentem a obra do critério mais histórico do que etnográfico — esse quadro dos costumes selvagens é interessante, pela exatidão de detalhes como pela intuição psico-social. E já que falámos de religião selvagem, é força confessar que aí está uma grandíssima dificuldade, num assunto capital, porquanto à desconfiança do índio se alia certo esoterismo inato ao fenómeno religioso, por bárbaro que seja o rito.

Gonçalves Dias, contudo, ao contrário de Couto de Magalhães e outros, não se esqueceu de tratar da teogonia dos heróis civilizadores, segundo notáveis excerpitos de Thevet; pois bem, essa teogonia é a base dos mais modernos trabalhos sobre a religião dos tupís, concatenados numa obra de Métraux, aproximando dos dados do cronista observações atuais de Curt Nimuendajú.

Nisso, como em tudo mais, Gonçalves Dias frequentemente só não conseguiu maiores resultados pelas circunstâncias do seu tempo ou pelas tendências exclusivamente livrescas, eruditas, que pesaram e ainda se sentem, sobre a cultura brasileira.

O que em seu abono se deve dizer é que se esforçou, numa época em que a ciência ainda tateava, por uma orientação positiva.

Além da sua preparação na Europa, para a Comissão Científica e das instruções oficiais da secção etnográfica desta, os resultados das suas pesquisas na Amazônia, como veremos, provam-no bem.

Já notamos que Gonçalves Dias não tinha a tendência *sistemática* e classificativa. Isto explica um pouco como esse bacharel de Coimbra além do mais preferiu aos sistemas a sua terra, a sua gente e os seus ideais de deísta e de poeta.

O capítulo talvez mais forte da obra é o que trata da questão da decadência pre-colombiana dos índios; discutindo essa teoria de Martius exposta em "Die Vergangenheit und Zukunft der amerikanischen Menschheit", não crê que os nossos índios tivessem perdido uma alta civilização nas que tiveram uma cultura mais elevada e completa antes do descobrimento. E' o que a arqueologia brasileira, cujos achados são posteriores à sua morte, mostraria, em Marajó e alhures.

E' estranho que Gonçalves Dias, que se iria ocupar pouco depois de assuntos econômicos, no seu Relatório sobre a Exposição de Paris, e cuja visão filosófica e tendência antropogeográfica eram tão largas, não se ocupe de certas questões econômicas e sociológicas gerais; se a *sociologia* apenas nascia então, batizada por A. Comte, da economia política tinham usado e abusado já no Brasil naturalistas, eruditos, viajantes, desde a viagem filosófica de Rodrigues Ferreira; especialmente, no Maranhão, Gaioso e Lago; sem falar nos estadistas.

Da sua intimidade, porém, com as grandes obras orientadoras do espírito humano temos mais de uma evidência. As instruções que recebeu para a Comissão Científica recomendavam-lhe verificasse pela observação as idéias de Vico sobre a história social, assim como as de Gall sobre a craneoscopia. E tal é a largueza dos seus conceitos em matéria social que um artigo de Nina Rodrigues lhe dá o título de sociólogo, crêmos que com razão.

Noutro capítulo analisa a colonização do Brasil, com largueza que então se encontraria nos magistrais ensaios de João Lisboa sobre tais questões.

Numa página sobre os degredados, candente e documentada com o tremendo libelo da carta de Duarte Coelho a El-Rey exprime o melhor das idéias que, exageradas com as revelações horripilantes dos papéis da Inquisição na Colônia, serviram a Paulo Prado para traçar o seu triste "Retrato do Brasil".

Gonçalves Dias não deixou de notar a desigualdade da comparação entre um país da América e uma complexa parte do mundo; e sanou esse inconveniente como podia, envolvendo nas suas comparações, quando necessário, os índios da América em geral.

Na segunda parte, depois de estudar os diversos grupos de povos da Oceania, compara-os com os nossos índios aproveitando paralelismos que o estado de cultura determina e analogias que hoje a ciência prenderá à idéia presentemente

vitoriosa da origem asiática dos povos da América tanto como dos da Oceania.

Mostra-se cético, por motivos, aliás, de ordem geográfica, baseado em d'Urville, Humboldt e outros, a propósito de certas teorias excessivamente arrojadas, como a da origem sul-americana dos polinésios; a ciência atual não parece, aliás, disposta em favor delas (v. H. Vignaud in *Journal des Américanistes de Paris*, vol. XIV). Prefere-se fazer descer da Ásia as migrações americanas, ao alvorecer dos tempos *holocenos*, ou atuais, dos geólogos, e, com Rivet, trazer através do Pacífico os polinésios para a América nas suas canoas de balancim.

Mas como entendem Nordenskiöld e outros, tais migrações marítimas devem ter sido acidentais na formação cultural amerindiana, tendo esta, segundo idéia aceitável hoje (como ao tempo de G. Dias) uma evolução própria sobre raízes asiáticas.

Nessas questões, como em todas, o nosso escritor guia-se pelo que de mais plausível se encontrava nos trabalhos dos nomes mais ilustres da ciência de então, e que lhe eram de familiar consulta. E com eles acertou no que podia então acertar. Era aliás, um arrojo naquele tempo e no Brasil, tratar um tema tão amplo de etnologia comparada.

Mostrando a maior diversidade cultural da Oceania pende, quanto ao problema social da assimilação e da catequese, para considerar mais favoráveis as condições da população aborígene brasileira, menos arraigada, pensava ele, aos cultos ou a instituições prestigiosas — tais, no mundo oceaniense, o *tabú* e as religiões asiáticas — e por outro lado com certos rudimentos de cultura. Nessas páginas da "Conclusão" faz severa e elevada crítica à atuação dos Jesuitas. Mostra como os Jesuitas, a despeito de todo o seu saber, atividade e dedicação, realizando o que podemos chamar a domesticação do índio, prestaram talvez involuntariamente melhores serviços aos portugueses que aos catecúmenos. Cita o "Plano sobre a civilização dos índios do Brasil" de Domingos Alves Branco Muniz Barreto — (Mss. do Instituto Histórico) — onde este trata de incidente típico do governo temporal dos loiolianos.

Ainda bem que não se serviu de documentos tão suspeitos quanto a *Dedução Cronológica* pombalina que tem interpretações como a do suposto tratado sedicioso dos Jesuitas com os índios *Amanajós*, em que a palavra *Guajajáras* é considerada como significando *os brancos*?

A propósito dessa crítica à grande ordem da Igreja é bem de vêr que embora pareça sinceramente católico e profundamente cristão o seu providencialismo que frisa às vezes pelos limites do fatalismo e surge até nas páginas mais acentuadamente científicas, não o impedia de exercer a sua crítica sobre a igreja militante.

Traça o nosso poeta então rápido mas sugestivo confronto das grandes religiões orientais professadas na Oceania: o bramanismo com suas castas, o maometismo paradoxalmente fatalista e combativo, e dos cultos polinésios com o *tabú* a esmagar a personalidade humana.

O "Brasil e Oceania" permanece um formoso atestado de saber, redoidado pelo idealismo generoso e pelo estilo sóbrio e elegante.

11 — *A lingua tupi* — Em matéria de línguas indígenas, sua obra capital é o "Diccionario da Lingua Tupy", chamada "Lingua geral dos indigenas do Brasil" (Lipsia, F. A. Brockhaus, 1858). Serviram-lhe de material para elle, a "Poranduba Maranhense", as gramáticas dos jesuitas, o "Dicionário Brasileiro", etc.; era um glossário erudito quasi unicamente, copioso, rico em expressões e acurado, atestando o prefácio, numa referência em que lamenta não poder empregar sinais fônicos, que mesmo quando lhe não era possível utilizá-los, não descurava nenhum dos meios e processos de que então se servia a ciência em tais estudos. Preparara nova edição do seu "diccionario caboclo" como o denomina com o carinho de autor e de nativista em carta do Rio de 25-1-62 (Mss. da Biblioteca Nacional), tendo-se também extraviado, com o naufrágio do *Ville de Boulogne*, o exemplar anotado para esse fim.

Entre os resultados angariados por Gonçalves Dias no campo especial da lingua tupi, vemos ainda na "Revista do Instituto Histórico", um "Vocabulário da lingua geral" usada no Amazonas, calcado sobre o que lhe fornecera o bispo do Pará e precedido de uma nota ou comentário comparativo entre elle e o "Dicionário Brasileiro" de 1795, no qual mostra diferenças e alterações fonéticas da lingua geral no Pará e no Maranhão: — "Vê-se que o vocabulário pouco differe do Dicionário Brasileiro, publicado em Lisboa por um anónimo no anno de 1795. Observaremos cunhado, se os confrontarmos, a introdução de alguns termos novos como aquelles, que designam a festividade da paschoa, dias da semana, roupa, machado, etc., o emprêgo de alguns epithetos para significarem objetos anteriormente conhecidos

por outras designações: a substituição de umas vogaes por outras, taes como *u* por *b* como Mocaua, Ipéua, por Mocaba, Ipeba; o *e* por *i*, como *e* por *yg* ou *ig*, por embira. Euecê por Ybucey; o *o* pelo *u* principalmente na particula *mo* que ajuntam ao verbo para activar-lhe a significação; a elisão do *g* no meio de algumas palavras e no principio de todas ou quasi todas as poucas que começavam por essa letra, como Getyca, Guabirú, Guaxinim, Guanana, Guirá Guata, pois hoje pronunciam Jutica, Uaiurú, Uassu" — Rev. Trim. t. XVII.

Esteira — miaçaua, é *meansaba* no Maranhão. Observa modificações de idiotismos, fraseado, gramática.

Eram afinal êsses léxicos tupís, das suas obras científicas, as únicas citadas pelos especialistas, por exemplo, o "Dicionário" por Steinen, o "Vocabulário" por H. Snethlage.

Dêsde o lexico do nosso poeta só se desenvolveriam os estudos da lingua boa, realmente, na obra imponente de Baptista Caetano, nas interpretações comparativas gramaticais de L. Adam e Tastevin, e graças às pesquisas regionais dos etnógrafos.

Couto de Magalhães, que muito estudou o tupí, fazendo até um manual para o ensino da lingua pelo método Ollendorf, cita o Dicionário de Gonçalves Dias com uma restrição que trae a frieza do "oficial do mesmo officio". E ainda bem, pois no resto de "O Selvagem" o príncipe dos indianistas só aparece como poeta...

Observarei, contudo, que o tupí "paraense", Anambé e popular, influenciado pelas gramáticas dos jesuitas, de que Couto de Magalhães usa, é de boa lei, mas não se avanta a de Gonçalves Dias, de analogas fontes nortistas e eruditas.

A contribuição mais notável do autor d'"O Selvagem" no domínio do *nheengatú*, é a das lendas e cantigas; devemos a mestiçagem psico-social, e nas de Celso Magalhães sobre a mestiçagem psico-social, e nas de Celso Magalhães sobre o folk-lore nacional, se baseou, no estudo geral dos fatores da nossa literatura, Silvio Romero.

...

12 — As Amazonas e a Tupimania — O estudo sobre as Amazonas ("Rev. Trimensal" do Instituto Histórico, v. XXIII) atesta o critério de historiador, e o saber clássico que era, aliás, apanágio da grande geração da "Athenas Brasileira".

Através dos autores antigos, Gonçalves Dias investiga o que póde haver de fundo real, deturpado pelos mitos e pela

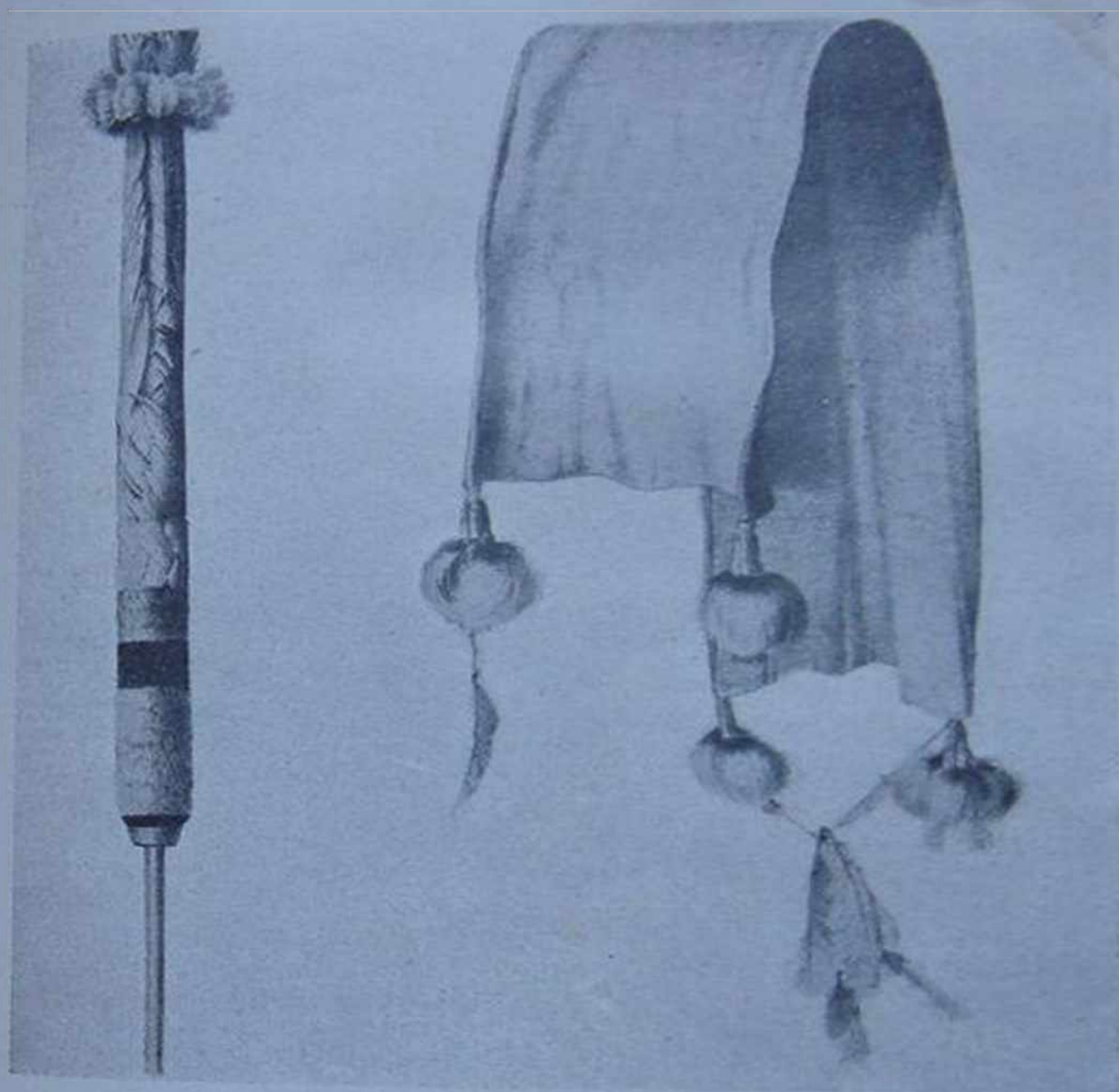
fantasia dos poetas, nas Amazonas do velho mundo; passa depois às do Novo Mundo, observando que estas ainda são mais duvidosas, pensando que, na elaboração legendária, ao lado do elemento índio (o que parece sobretudo provável pelo cepticismo com que Herrera registou a lenda) há uma parte de mútua sugestão do europeu e do índio, ou seja uma como que transfusão de legendas. Isto nada teria de extraordinário, dando-se o desconto do que foi interpretação tendenciosa dos conquistadores.

Não se recusa Gonçalves Dias a admitir fatos reais da vida indígena ligados à lenda, podendo-se dizer com certos cronistas que Orellana nada mais viu do que mulheres guerreando; por outro lado considera que, nas lutas entre tribus e por via da conquista, pode ter havido excesso numérico limitado e grupos ocasionais de mulheres.

Gonçalves Dias, por seu lado, aventura uma explicação: as "mulheres guerreiras" sem marido, "inclusive as do Orenoco", as *Aikeanbeanno* de Gilii, seriam as dos tupis vencidos, as quais fugiam ao jugo dos caribas; as "pedras das Amazonas" seriam tembetás (?). Sugeriu-lhe tal noção uma referência de Ives d'Evreux à origem tupi das Amazonas. Se exagerou tanto na ligação geográfica, foi por aproximar dois autores dignos de fé. E os tupis, desde o século XVI, sobem e transpõem o Rio Mar.

Ao falar das incursões caribas êle se refere ao conhecido caso do bilinguismo das mulheres dos *Aruaques* tomadas pela tribo adversa. Nem aí nem alhures na sua obra transparece o parentesco entre êsses aruaks das Antilhas, os *Aroaquizes* do Uatumá, os Maipures de Gilii etc. Essa incompreensão da grande família, depois predileta da escola alemã e a qual se atribuiu o melhor da arqueologia brasileira, seria imperdoável se não a tivesse partilhado o próprio Martius, cujos *Aroaquis* são apenas o grupinho da Guiana Brasileira, sem ligação com os Parecis nem com os que incluiu no grupo dos Guck.

Tanto a idéia de Gonçalves Dias sobre a origem da lenda é judiciosa, que Farabee foi informado, na região do Tacutú, de isolado grupo ou maloca de mulheres de idade, que "como há mais mulheres que homens entre os Wapichanas, pouca esperança há de acharem novos maridos", mas que, precisamente, obtempera êsse explorador, "nada têm das Amazonas da lenda", ainda corrente no Amazonas e no Baixo Rio Negro.



Cetro emplumado e tanga — avental. Região do Rio Branco. (Bafuanás)

Acrescente-se a isso a separação *normal* das portas e alojamentos dos índios e das índias nas malocas de certas tribus, a exclusão das mulheres do culto, como entre os Parecís (v. Roquette Pinto — "Rondônia"; Farabee — "The Central Arawaks", etc.) as diferenças de linguagem indicando apropriação das mulheres dos vencidos, a anterioridade teórica do matriarcado, admitida por alguns teóricos ou em todo caso os traços positivos dêste em nossas tribus, eis outros tantos elementos que podem ter concorrido para a lenda, já no seu fundo indígena quasi indeterminável, já na sua forma posterior à influência européa.

Não fôsse a lenda de Manôa del Dorado elaborada pela cobiça dos aventureiros, mas sobre um fato real — a cerimônia da sagração do zipa de Bogotá, na lagôa sagrada, ungido de ouro...

O fato é que essas lendas são complexos a interpretar — e dificilmente! Não podem servir para explicar a cultura indígena e suas origens, como tentou Barbosa Rodrigues (depois de Gonçalves Dias...) servindo-se delas e dos *muirakitans* ou amuletos, para arquitetar a hipótese de um herói civilizador, guerreiro e religioso — o Votan dos tzentalos, o Itzamna dos Mayas, na Amazônia...

É curioso que Gonçalves Dias diga sempre "pedra das Amazonas", não empregando a palavra *muirakitan*. Quanto à etimologia desta palavra, lembre-se que o Padre J. de Moraes ("História da Companhia de Jesus, no Maranhão", pág. 515) escreve *Puúraquitan*; é possível que a etimologia seja conta-pedra (ou conta-nódulo?) — de *puhira*, conta, missanga, na língua geral (puera-cueio, o "avental" das mulheres do Uaupés, G. Dias, Relatório E.). A forma *muirakitan* dificilmente achará interpretação plausível nos léxicos do tupi e talvez seja híbrida.

É estranha a diferença que a Gonçalves Dias ainda escapava entre as duas áreas da arte das pedras — a dos tembetás no planalto brasileiro e a dos *muirakitans*, amazônio-istmica, tanto mais quanto sabemos que elas interferem no Maranhão, onde os cronistas falam de tembetás, mas onde encontrei *muirakitans* dos lacustres do Cajarí, e com a área florestal onde atualmente Urubús e Amanajés usam colares e ornatos labiais de plumas.

A pedra cilíndrica dos Uaupés, na língua geral, é "tucháua-ità" — quer dizer simplesmente *pedra de chefe*. Não nos percamos, porém, nas sirtes da etimologia, como o autor d'"O *muirakitan*".

Como aceitarmos por exemplo que a jazida da *costa de Parú*, acima de Obidos, seja a "ilha das Amazonas"...

E se nessas brilhantes e aventureiras construções um sábio de tal valor gastou cabedal de erudição e observação, que lhe sobejavam, é mais uma razão para louvarmos quem, sendo poeta, não se deixara arrastar pelo prestígio das legendárias guerreiras do Rio-Mar. Talvez o sentimento da verdadeira poesia estimulasse esse claro espírito, contra a fantasia das hipóteses extravagantes.

Seríamos, aliás, injustos se depreciássemos esses grandes nomes pelo tributo que pagaram às idéias do tempo.

De Barbosa Rodrigues podemos dizer que se viu diante de um dos problemas mais desafiadores: *a arqueologia da Amazônia*; e que, além do mais que legou à ciência, deve-se-lhe *um dos primeiros passos para a caracterização antropológica dos índios*: seus textos, descrições, figuras, são deficientes... mas como, sem auxílio deles, compreender certos pontos da psicologia indígena?

Quanto à *tupimania*, lembremos que esta vinha de longe, do passado colonial e que perdurou depois, se é que ainda não tem por aí os seus fieis.

Nas pesquisas históricas mandadas fazer pelo governo em Portugal a Gonçalves Dias sucedeu João Lisboa; devemos-lhes duas obras notáveis, de grande alcance para a nossa história étnica — a Crônica jesuítica de Bettendorff e a história de frei Vicente do Salvador, das quais obtiveram cópias nos arquivos da antiga metrópole.

Foi então que talvez se perdeu no mar morto da burocracia, uma parte da sua obra fecunda e indefessa de erudito pois chegaram a se extraviar na secretaria do Império manuscritos relativos às suas pesquisas históricas, como alega na sua carta, dirigida ao ministro por intermédio de Capanema, carta cujos termos eram tão altivos que, segundo Henrique Leal, (Pantheon, III, 403) não constava aquele cientista ter entregado a mesma "no que obrou bem". Por essa carta e outros fatos se vê de que intrigas, que ficaram nos limbos onde se aninha o anonimato da malícia onipotente, (9) foi vítima o grande brasileiro, e entrevê-se (embora um tanto imprecisas ou confusas certas indicações biográficas a esse

(9) Levantou uma ponta do véu, na sua nota preliminar à edição da História de Frei Vicente do Salvador, Capistrano de Abreu.

respeito contidas no "Pantheon", e bastante obscuros, ainda, permaneçam taes casos, o caso em que mergulhou nesse final de sua vida, parte da sua obra como do que conseguira fazer nessa comissão e na de exploração científica da qual foi *magna pars*. (Cf. G. Dias — "Processo Abel", Ceará, 1860).

A COMISSÃO CIENTÍFICA E A COLEÇÃO AMAZONENSE

13 — *A Comissão e o Ceará* — A história da Comissão científica, em que Gonçalves Dias era (além do encarregado da etnografia e das informações sobre a agricultura) o secretário, liga-se à final e tragica fase da vida do grande maranhense. Dissolvida (1861) a comissão, sem passar do Ceará, Gonçalves Dias foi até a Amazônia (1861-1862) à procura dos seus índios; de lá voltou aniquilado pelas doenças; era o declínio precoce do grande trabalhador, declínio a que um naufrágio viria por fim, no resvaladouro da morte...

Assim, numa atmosfera de adversidade, seguiu ele para a Europa, (1862) para de lá voltar sempre e mais doente, e se afundar nos baixios do golfo maranhense.

A biblioteca da comissão organizada sob o controle e cuidados de Gonçalves Dias passaria a constituir o elemento básico, mais de metade, da nascente biblioteca do Museu Nacional, que recebeu ainda aparelhos, o herbário F. Allemão, etc.

Não me deterei na história da empresa, traçada aliás no volume *Introdução dos Trabalhos da Comissão Científica de Exploração* e nas cartas escritas por Gonçalves Dias, do Ceará, para o *Jornal do Comércio* (v. Bibliografia Gonçalvesina — artigos de Nogueira da Silva). Apenas recordarei que nas instruções respectivas assinadas pelo ministro Couto Ferraz há toda uma série de itens para a secção etnográfica em que se prevêem, além do emprêgo da heliografia e do desenho, vocabulários de palavras-fio (*Leitwörter*), diferenças de expressões e costumes dos dois sexos, coleções, enterratórios e sua orientação — enfim todo um programa de trabalhos com uma visão para aquele tempo, e em certos casos para o nosso, bem adiantada.

A Gonçalves Dias, depois de começados os trabalhos, foi dado como adjunto o Dr. Francisco de Assis Azevedo Guimarães.

Dividida a comissão, uma das turmas, composta da Secção de Etnografia e da de Geologia chefiada por Capanema, seguiu pela parte central da Província (Baturité, Icó, etc.) até o sertão, onde Gonçalves Dias, no Arquivo Municipal do Crato, pesquisou a história dos índios Cariris.

Nessa cidade deu-se o incidente da questão Abel com as autoridades locais, sobre o qual Gonçalves Dias escreveu um opúsculo em defesa da comissão.

Dai regressaram, pela fronteira da Paraíba e do Rio Grande do Norte e pelo Jaguaribe, a Aracati e a Fortaleza.

As secções botânica (F. F. Alemão) e zoológica (Manoel Ferreira Lagos) exploravam sobretudo a região de Ibiapaba, para onde se dirigiu depois a geológica.

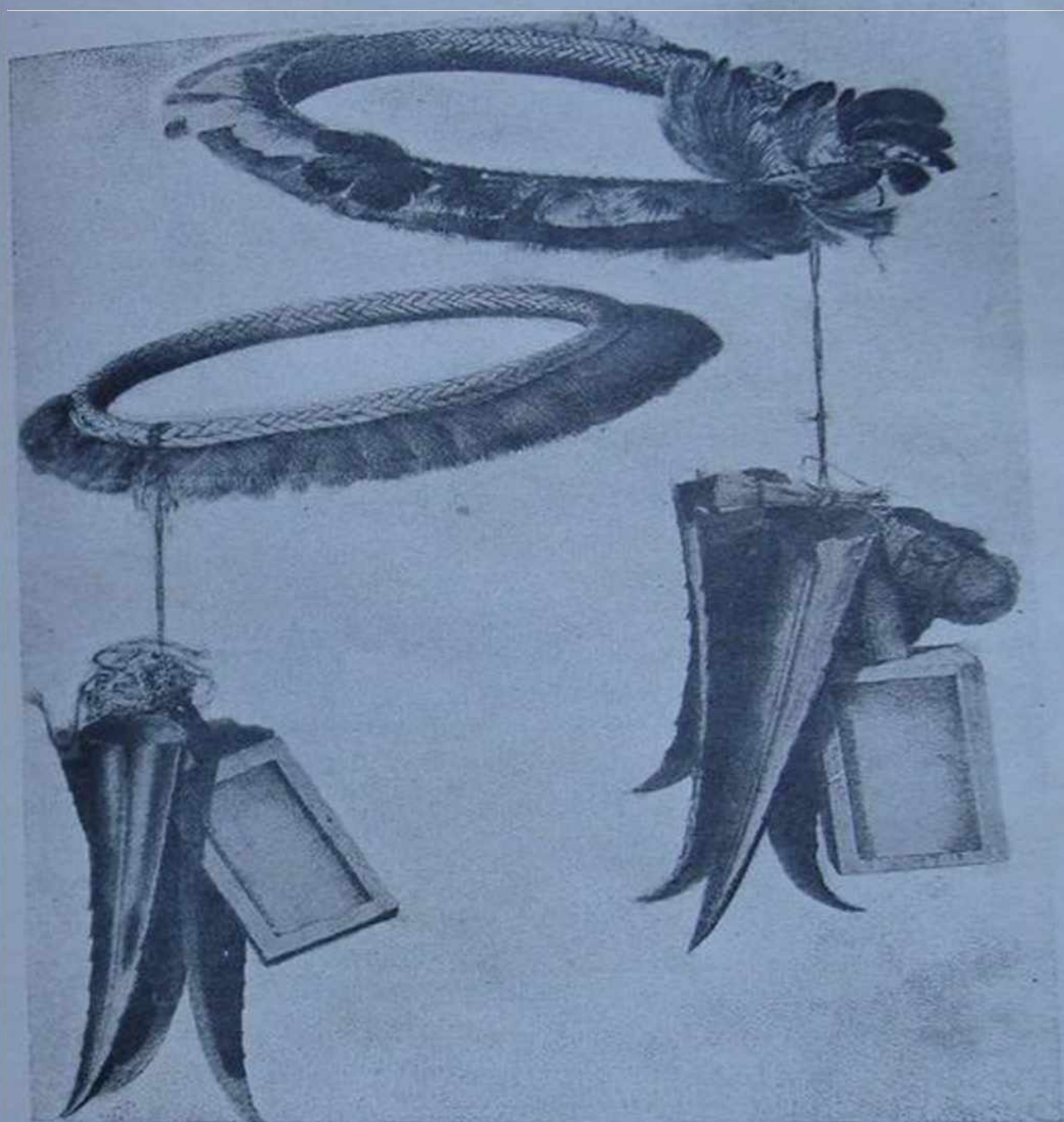
Quanto a Gonçalves Dias, não encontrando mais índios puros no Ceará, partia para a Amazônia. Que essa viagem era parte integrante da expedição que imprópriamente se costumou chamar do Ceará, atesta-o o officio do venerando Dr. Francisco Freire Allemão ao ministro J. A. Saraiva, a 13 de Abril de 1861, no qual comunica que "o Chefe da secção etnográfica se achava explorando as províncias do Pará e Amazonas para onde seguiu em Agôto do anno próximo findo" por não oferecer o Ceará "a matéria principal" aos estudos a seu cargo.

A comissão científica foi um triste exemplo de como se deprime e inutiliza o valor e esforço do Brasileiro. O grande Freire Allemão em carta a Martius fala das circunstâncias do país, confessa os brasileiros bisonhos nessas questões... e elogia e agradece o glossário das línguas indígenas.

14 — *O relatório sobre a coleção etnográfica do Amazonas, e as estampas da "Comissão de Exploração".*

Merece, no meu entender, a mais atenta consideração do meio científico um trabalho, de aparência modesta, que tem passado despercebido, em publicações de caracter administrativo e que, entretanto, muito contribue para a elucidação dos últimos estudos do poeta-sábio.

Trata-se do relatório por elle dirigido ao Presidente da Província do Alto-Amazonas, datado de "Manáus, 23 de Outubro de 1861", discriminando o material etnográfico enviado à Exposição Nacional desse anno. Encontrei-o reproduzido na "Reedição dos Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas", Rio, 1906 (Relatório E, VII, págs. 761-767), apenso à fala do presidente Carneiro da Cunha com outros relatórios da Comissão organizadora da contribuição da Província ao certame, da qual era G. Dias o presidente, tendo as-



Acangatar com dentes de tucano e espelho

ainado também, com João da Silva Coutinho e Antonio José Moreira uma relação sobre indústrias regionais em geral. Essa publicação é mencionada por M. Nogueira da Silva num dos seus eruditos artigos sobre "Bibliografia Gonçalves" mas sem destacar entre os demais relatórios o que aqui nos interessa. Lendo-o na Biblioteca Nacional, nessa versão, e, ultimamente, encontrando na Biblioteca do Museu a sua edição antiga noutra publicação intitulada — Exposição Nacional, Rio, 1862 — "Catalogo dos productos naturaes e industriaes" etc." (págs. 88-96), procurei tirar dele esclarecimentos para as dificuldades de interpretação a respeito das estampas litográficas da comissão científica, existentes já nos fins do século passado no Museu.

Foi o professor Roquette Pinto, que iniciara pelo estudo tipológico a reorganização do notável album, quem chamou a minha atenção para esse importante documento dos estudos etnográficos do genial brasileiro, quando publiquei o meu primeiro artigo (10) sobre o indianismo gonçalvino, em 1923. (11)

O esclarecimento geral da questão resulta, justamente, do confronto a que procedi entre vários dados colhidos no Museu com a decisiva cooperação da professora Heloisa Alberto Torres, (12) e os obtidos pelo citado bibliógrafo maranhense, que me comunicou cartas de Capanema e de Henrique Fleiuss, diretor do Instituto Artístico, que muito aclararam a questão. São idênticas, de um modo geral, as estampas do Museu Nacional e as estampas para a obra da comissão científica, existentes na Biblioteca Nacional — a qual espez uma série de 89, coloridas, "exemplar único", em 1882 (v. "Guia da Exposição Anthropológica", pág. 66) e 1884 (v. n. 19.260 do catálogo da Exposição de História, "Annaes da Bibliotheca Nacional", vol. IX); são quasi tôdas de etnografia, trazendo o carimbo do "Instituto Artístico de Fleiuss, Irmão & Linde". Há exemplares (poucos) com a indicação: "Litographia a vapor A. Marques & Cia., R. Nova do Ouvidor, 33". Verificámos também que na coleção da Biblioteca Nacional, as

(10) "Pacotilha" 10-VIII-23.

(11) Cf. Miranda Ribeiro, "Gonçalves Dias e a etnografia do Brasil". No "Boletim do Museu Nacional".

(12) As estampas de Gonçalves Dias têm sido cuidadosamente anotadas e estudadas pela professora Heloisa Alberto Torres e pelo autor; é trabalho de pesquisa gradual, lenta, mas de cujos resultados de até agora esta memória dá mostras.

estampas numeradas, de 1 a 30, com a indicação "Armas Selvagens" trazem impresso (ao alto): "Comissão de Exploração — Secção Etnographica"; e há muitas não coloridas, entre as quais as de botânica, de Freire Allemão, publicadas nos Trabalhos da Comissão.

E' o bastante e o indispensável, como base crítica, quanto à identificação das estampas, de um modo geral. Agradecemos, quanto à confrontação das estampas, o auxílio do Sr. Dr. Aurelio de Souza, da Biblioteca Nacional.

E' por outro lado, evidenciado, por documentos que se referem vagamente ao "Album Etnográfico" e por uma lista das estampas, em francês, da mão de Ladislão Neto, que este se occupou da publicação das mesmas.

15 — Quanto ao relatório de 1861, a que de comêço nos referimos, elle nos revela, (13) antes de tudo, que Gonçalves Dias organizou uma coleção de 104 números, marcados com a letra E, mas muitos dêsses números não são de objetos isolados, e sim caixas com vários artefatos ou maços de flechas e arcos, devendo assim corresponder, pelo menos, a 200 números, segundo o que computámos (de acôrdo com o critério seguido habitualmente hoje na catalogação do Museu). Entre estes (alguns de inestimável valor científico), destacamos, além de tudo, o *complexo* do curare: o "urary" em massa, os curabis, zarabatanas, esteirinhas de pontas ervadas, aljavas; os murucus-maracás, os *cueios* e *puera cueios* — (tangas de contas) dos Uaupés e outras tribus da bacia do Rio Negro, uma flauta para a festa de Juruparí, um machado indígena com cabo, pentes dos Uaupés, insígnias de tucháuas, remos, colares, um *sairé*, espadas, vestes, pulseiras, um leque de plumas, dos Cocamas, e ainda amostras de tintas, de tecidos, de fibras, uma fôrma para pintar cuias, uma folhinha de pau (14) amostras que bem alto dizem do critério verdadeiramente científico do colecionador que nada desprezava do que podia esclarecer sobre a vida indígena. Muitas

(13) Segundo uma carta que me enviou M. Nogueira da Silva, transparece de uma missiva de G. Dias a H. Leal que elle chegou a escrever parte do seu relatório da Comissão Científica. E vemos comunicada a Olinda, de nôvo ministro, entrega dos aparelhos da Comissão, em 1862, ao Museu Nacional.

(14) Roquette Pinto — Seixos Rolados, fig. à pág. 98. Ao tempo, só era conhecida a procedência amazônica dessa folhinha de pau. As estampas do Instituto Artístico não a representam.

Lembra a maneira de contar empírica dos indígenas da Amazônia, a "papassawa" do Solimões, *apud* Tastevin.

dessas peças estão acompanhadas de esclarecimentos sobre o seu uso. Há também indicações de destinação ou propriedade e origem, sendo em parte devidas ao concurso dos comandantes Nuno A. Cardoso e Rufino Luiz Tavares e providências de tribus de todos os rios da província. Sabemos, combinando uma passagem do "Pantheon Maranhense" e a referência do relatório do presidente Manoel Carneiro da Cunha (o mesmo a que são anexos os da comissão presidida por G. Dias) que o preclaro maranhense, visitando as escolas do Amazonas, percorreu até as regiões fronteiriças o Solimões, o Negro e o Madeira; o relatório sobre as escolas do Solimões saiu com a fala de 1861; o referente às outras viagens não saiu com a respectiva mensagem nem o mesmo Nogueira da Silva ainda colheu algum indício de sua publicação. Em todo caso, como este bibliógrafo patricio acaba de encontrar o relatório de 1851 sobre a instrução do Norte, não desamparemos de ainda ter novas dêses da visita das escolas e, o que melhor seria, do relatório geral ou das anotações etnográficas, como as do exemplar revisto do Dicionário da Língua Tupi, que se extraviaram. (15)

Por enquanto, bastam o relatório (E) e seus consecutários de 1861, os quais constituem uma verdadeira resenha da vida regional, publicados nas Falas e no Catalogo, para estabelecerem de modo inequívoco os principais aspectos da viagem científica do grande indianista.

Antes, porém, de catalogar a coleção, o relatório explana alguns aspectos da etnografia amazônica. Notando que os mundurucús são os mais peritos na arte das plumas, pela "combinação das cores" e "mesmo na perfeição dos tecidos" vindo em seguida os araras, observa que as tribus mais hábeis nesses enfeites de guerra e festa são justamente as que permaneceram isoladas, as de índole mais intratável e rebelde, do que é recente e evidente exemplo a coleção da excepcional

(15) E' provavel, dada a extraordinaria produtividade de Gonçalves Dias, que, doente, esboçasse e não acabasse o relatório (texto para a obra da Comissão Cientifica). As cartas que escreveu da Europa (mss. da Biblioteca Nacional) revelam apenas a marcha da doença e das desilusões. Sabendo que o Imperador esperava produções dele, respondeu a Porto Alegre que Sua Magestade tivesse santa paciência... A propósito, notemos o contraste entre as expressões sóbrias e elevadas quando se refere ao monarca illustre e generoso (que após a sua morte ainda lhe ampararia a pobre mãe) e as ingenuas ou excessivas de outros, por exmplo o dr. D. Canabarro na allás muito interessante explicação sobre as suas ofertas de 1861.

arte plumária dos Urubús obtida na minha excursão ao Gurupí. Lembro de passagem, que, de índios brasileiros, o que mais se aproxima da técnica das placas de mosaico de plumas, dos Urubús, comparável á arte dos *amantecas* mexicanos e á plumária peruviana, é o escudo imperial de plumas dos índios de Thomar — obra de índios mansos, é verdade, mas em região de vida indígena persistente, e nessa aldeia antiga de Bararúá, de índios Mandos, a tribo do legendário, indômito Ajuricaba.

Pois bem, esse escudo não figura na coleção do relatório gonçalvino, mas também figurou na exposição de 1861; tendo sido dado pelo barão de Mauá ao Imperador, foi achado, após a partida da família imperial, em uma pasta da Imperatriz.

A introdução do relatório (E) fala ainda dos Jáuas (Yaguas), das suas tangas de fibras e fraldões de penas, amarrilhos nos punhos e artelhos que fôra ofensa cortar, da sua língua diferente do Quichua como do Tupí, dos seus acangatares trançados, com pingente de dentes de tucano e espelho (documento bem característico, e figurado numa das estampas do Album).

A sua comparação do cetro emplumado e da lança do chefe, supondo uma evolução dos costumes guerreiros para as festas da paz, pode ser um tanto apriorística e passamos sobre a suposta ação do sal como antídoto do *curare* — questão depois tão controvertida, e vamos reencontrar-lhe o critério científico ao dizer que os arcos se distinguem em cada tribo, mais *pela forma* (esquinados, de Silves, chatos, largos e enleados, do Japurá, pontas recurvadas, do Madeira etc.). Temo-lo, ainda, aliado á sua clareza de prosador, na rápida descrição da pesca com a sararaca, de haste de canarana e ponteira de madeira, "coisa que se desmancha" na língua tupi, ficando o arpão no corpo do animal, enquanto a flecha "decompõe-se (salaraca) o fio de curauá se desenrola, o hastil da flecha sobrenada, servindo de boia para indicar a carreira, que a presa leva ou o lugar em que se acha"...

16 — Na maior parte o material descrito no relatório é análogo ao representado nas lâminas pela procedência e tipo, assim como a muitos objetos da coleção do Museu e, com menos certeza há alguns dos artefatos indígenas pertencentes ao mesmo Instituto Histórico e Geográfico, de tipos citados no relatório, sem que sempre se possa facilmente verificar se correspondem aos mesmos das coleções amazonenses de 1861.

Dois desses documentos são identificáveis com duas estatuetas de madeira (ns. 8.242 e 3.198), personagens em vestes sacerdotais, existentes na coleção do Museu; é o "santo" do denominado Christo da Venezuela" ou "Christo do Içana", como diz a relação dos objetos coligidos pessoalmente por Gonçalves Dias, no citado catálogo da Exposição de 1861. Esse Christo do Içana era, explica no mesmo catálogo o Dr. David Canabarro na relação dos objetos por ele enviados ao Imperador, um índio da tribo "Piratapuca" (Pirátapuyo) das cabeceiras do Içana, chamado Alexandre. A ele se refere o poeta maranhense Souza Andrade, num excerto, espécie de "noite de Walpurgis" indígena da selva amazonense, do "O Guesa Errante" (original e complexa obra de transição do indianismo romântico para o simbolismo e escolas aná-

"Geme em Venezuela
Alexandre-Sumé".

Estão bem identificados aos objetos da coleção gonçalvina e das estampas, nas coleções do Museu, os objetos números 4.875, — saco reticular de cordeis de fibra, 4.882 — saco de tecido indígena com desenhos em zig-zag; 896 — veste de tecido liberiano com desenhos pintados, 4.604 — tamborinho de *sairé*.

Ns. 5.196 e 5.199, que não estão representados nas estampas, são os nós estatísticos dos Bafuanás.

Não sabemos ainda precisamente quando e como tais exemplares da coleção de 1861 foram entregues ao Museu Nacional, o qual, em 1892 (v. "Guia da Exposição Antropológica") foi o expositor de vários deles, por exemplo a folhinha de pau (n. 15) e os nós estatísticos (n. 29) — sala Gabriel Soares.

Releva notar que muitos objetos expostos em 1861 e foram em 1882 pelo próprio Imperador e por Mauá.

Não é de admirar que os especímenes dessa coleção ficassem no Museu sem indicações completas de origem. Isto é muito comum nos Museus de maiores tradições; em se tratando de material de tal época e recebido através de tantos intermediários, era quasi inevitável. A catalogação do Museu, aliás, antes das nossas pesquisas, já registava detalhes mínimos e preciosos, por exemplo, a etiqueta "E. 97. I. H. G." do tamborinho de *sairé*, de que só agora alcançamos o sentido.

Felizmente, com as pesquisas da prof. H. Torres, no arquivo da secretaria do Museu e na secção, as coleções antigas se estão aclarando.

E' verdade que Gonçalves Dias anotara como destinados ao Instituto Histórico a maior parte dos objetos, sendo de notar que era sócio do Instituto, que esta corporação dirigira a organização da comissão científica, mas ao mesmo tempo que, pelas normas oficiais dessa organização, deveriam ser incorporados ao Museu Nacional os especímenes de ciências naturais pela Comissão colecionados.

Em officio ao presidente do Amazonas, a comissão presidida por Gonçalves Dias sugere que os objetos a expôr deviam ser doados ao Instituto, o qual disporia dêles de acôrdo com o Governo, entregando aos estabelecimentos públicos "que justamente os reclamarem" os que conviesse entregar. Ora, o estabelecimento que podia reivindicar os especímenes da Comissão Científica era justamente o Museu Nacional, e se bem que esta Comissão tivesse cessado suas explorações do Ceará, continuavam em preparo as suas obras, às quais se destinavam as estampas etnográficas do Instituto Artístico, como já vimos. Os trabalhos de Gonçalves Dias, na Amazônia, tinham, por tais fatos, tomado carácter especial, prestando serviços à administração provincial, mas continuando ligados ao grande tentame científico.

Os embaraços ao aproveitamento dos resultados da Comissão fôram enormes. Gonçalves Dias, de Dresda, a 21 de Junho de 1863, escrevia a Capanema uma carta na qual há um trecho que até certo ponto nos esclarece sôbre a sua intervenção, apesar da distância e da doença, no andamento do trabalho:

"Já te disse que só havia recebido a remessa das estampas de índios, que acompanharam o teu thermometro quebrado. Depois disso parece que já mandaste outras, mas não sei que caminho levaram. Que se conclúa isso o mais cedo que puder ser; em podendo mexer-me, o grosso das despesas de impressão já estará feito; o resto será toleravel, mesmo a pouca vontade dos nossos."

E a seguir:

"Desculpa-me com os Fleiuss por não lhes ter ainda escripto."

Ia entretanto crescendo em mãos dos artistas a bela série de imagens, primor da litografia, que hoje se torna verdadeira preciosidade e mesmo para os nossos dias constitue um

modelo de iconografia, pois cada objeto está representado com ampliação dos detalhes importantes.

Devemos ainda ao zelo de Nogueira da Silva os seguintes trechos de cartas de Fleiuss, Irmãos & Linde a Gonçalves Dias:

"Ao mesmo tempo mandamos-lhe umas estampas de frechas da sua obra para fazer a descrição; esperamos que o nosso amigo será contente com os nossos trabalhos. Pedimos-lhe de dizer-nos se houver a fazer recommendações. Continuaremos com os outros trabalhos para completar aquella sua obra com toda a perfeição."

(Rio, 23 de Agosto de 1862)

"Pelo snr. Carvalho Moreira temos-lhe mandado"....."dous embrulhos, um contendo umas quarenta e tantas estampas sobre os objectos dos indios, que estamos fazendo para sua parte da Comissão Scientifica", etc.

"Continuamos na sua obra com toda a diligencia e"....."zelo de fazer obra primorosa dos objectos dos indios: até hoje são promptos mais de 80 quadros e ainda temos materia para uma porção delles. Pedimos-lhe de escrever alguma coisa a respeito deste e se tiver ainda mais outros objectos de mandal-os para continuar sem interrupção sua parte" etc.

"A execução é perfeita e não deixa a desejar; S. M. o Imperador, a quem temos mostrado um exemplar em fumo e um colorido, destinou que todos ficassem coloridos: ha de ficar uma obra digna do Brasil."

Os originaes destas cartas procedem do arquivo da viúva de Gonçalves Dias e pertencem hoje à "Coleção Gonçalves" de M. Nogueira da Silva.

Ultimamente, na coleção de estampas da Exposição de 1861, deparou-se-me uma representando, sob o título "Primeira Exposição Nacional de 1861 — Trofeu de armas indígenas do Amazonas", o conjunto da coleção que serviu de base a esses trabalhos.

E' também de H. Fleiuss essa instrutiva série de gravuras, assim como bellissima alegoria à morte do nosso poeta publicada n' "A Semana Illustrada".

Será uma obra digna do Brasil, assim o previu a simpatia dos artistas, essa que o Museu Nacional se empenha agora em completar, reparando mais de meio século de olvidado.

* * *

Tais fôram os resultados do esforço daquele espirito extraordinário, enfermo, como êle próprio disse, mas que lutou, venceu, produziu. Sua alma, que vivera da dor só se curvou à morte; o "oceano terrível" como adolescente vaticinára, guardou-lhe o corpo; dispersaram-se arrolando seus últimos lavôres, mas a posteridade sinão Deus a quem êle tanto apelava restituiu-lhe os louros da sabedoria que a morte lhe quiz regatear.

O seu renome irradiára pelo país e fóra dele, como se pode ver nos jornais estrangeiros do tempo, onde o exaltam como expoente da joven literatura da sua pátria.

Como a de outros grandes poetas-profetas, a de Dante, a de Goethe, a sua alma foi disputada pela angustia à sabedoria e daí nasceu a sua grandeza. O meio e a sua condição social é que o impediram de voar mais alto. Poeta, cantado depois por grandes poetas, como sábio se ufanava em carta íntima, nos últimos anos de vida, do conceito e amizade dos Ferdinand Denis, dos Martius, dos Capanema, dos Freire Alemão. A sua obra, una pela concepção na sua própria complexidade, é um dos pilares indestrutíveis da cultura americana, porque se enraiza no solo firme da ciência e se inflora na mais formosa legenda desabrochada no coração brasileiro.

Assim, integrada a sua obra, êle nos aparecerá cada vez maior, através do tempo, poeta e sábio, entre os artistas supremos, cultos, inspirados pelo sôpro divino, e que, muito acima dos espíritos comuns, resumem a alma dos povos.



PARECER

El Sñr. Raimundo López nos presenta un trabajo que vivirá como una contribución preciosa al esclarecimiento de la historia americana. Un trabajo literario en que se descubre la capacidad del autor como crítico, la filiación estética del mismo como escritor, en grado bastante para poder vérselo ocupar un lugar destacado en las letras. Un trabajo de sociólogo en que se presenta al hombre en su tiempo y en su medio, acompañando, impulsando, provocando la evolución social. Ese hombre en este caso es Gonçalves Dias y el medio es el Brasil indiano, conmovido en su espíritu y en su físico, después, por la presencia de otra raza venida, como por un designio fatal, a crear nuevo destino...

Con notable visión, el autor de este trabajo entra en el dominio de la geografía y de la historia para destacar el escenario y el tiempo de uno de los mayores acontecimientos político-sociales del continente.

Corresponde, indudablemente a Gonçalves Dias la mayor idealización poética del indio americano. El tupí-guaraní no fué para él solamente el indio dueño de la selva sino el indio poseedor de un corazón en que anidaban tan fuerte el amor como la libertad. Por eso concordamos con Raimundo López cuando dice que la lira de Gonçalves Dias es un símbolo continental como la espada de Bolívar.

A través de este meduloso estudio aparece el poeta como defensor del indio, como historiador y etnólogo. El programa que desarrolla el autor es tan vasto y tan interesante, para la literatura y para la historia, que nos priva por su grandiosidad de elogiarlo con simples adjetivos, a raíz de una rápida lectura. No obstante declaramos tratarse de uno de los más valiosos estudios que merecerían, para honra del Brasil

y para mejor conocimiento de la historia del continente una amplia divulgación.

A. L. Pereira Ferraz, presidente. — Leopoldo Ramos Gí-
menez, relator. — João Pinto Pessôa. — E. Backheuser. —
Gustavo A. Ruiz. — Sousa Docca. — Corrêa Filho. — F. de
Paula Cidade. — Lucio José dos Santos. — Paulo José Pires
Brandão. — A. Mendes de Moraes.

